

4

# COMEDIA NOVA,

INTITULADA

## OS SUCCESSOS

DO

# FILHO PRODIGO.

P E S S O A S.

*Cezar, mancebo Lisbonense, prodigo.*  
*D. Brites, irmã de Cezar.*  
*Julio, cunhado de Cezar.*  
*D. Clara, viuva.*  
*Octavio, irmão de D. Clara.*  
*Leandro, primo do defunto, marido*  
*de D. Clara.*

*Gonçalo, Mordomo da casa de Cezar.*  
*O Doutor Gaspar, Procurador da*  
*casa de Cezar.*  
*Sanguisuga, criada de Cezar.*  
*Carrapato tambem criado.*  
*Zapate, criado.*

---

### ACTO PRIMEIRO.

#### SCENA I.

*Vista da quinta de Cezar junto ao mar: Julio, D. Brites, e Gonçalo.*

*Gonç.* **M**Eus Senhores, meu amo  
ainda está recolhido, e  
taõ cedo não costuma  
levantar-se.

*Brit.* Dize a meu irmão, que em to-  
dos os modos lhe quero fallar.

*Gonç.* Perdoni-me, Senhora, em quan-  
to está recolhido, não quer que o  
perturbem.

*Jul.* Minha Senhora, este vosso irmão  
me quer deixar a perder.

*Brit.* Espero, que não percais o di-  
nheiro, que lhe tendes emprestado:  
bem sabeis, que elle traz em juizo  
aquella cauza de gravissima impor-  
tancia, que o penaliza muito, e

se avence, como se espera....

*Jul.* Sim, isso não padece duvida: tem  
em Lisboa huma cauza de grande  
importancia, e vem para Sacayem  
divertir-se na sua quinta, que elle fez  
com huma somma de dinheiro, que  
ha pouco lhe emprestei; tudo tem  
conclumido neste luto, e estragado o  
que o Senhor Mordomo não ignora.

*Gonç.* Em disso não sei nada, an-  
te pelo contrario observei, que ha  
hum pouco de tempo a esta parte  
o Senhor Cezar está sem real.

*Brit.* E isso será pelo gajo, que faz  
com a demanda.

*Gonç.* E ella mesma he a cauza,  
A por

por que não tem dinheiro (he coiza de que elle se não lembra).

*Jul.* E que fez elle ás fincoenta moedas, que hontem lhe emprestei? *Para Gonçalo.*

*Gonç.* Pois hontem he que lhe emprestou fincoenta moedas? *Para Julio.*

*Jul.* Sim, ainda hontem. *Para Gonçalo.*

*Gonç.* (Folgo muito de o saber; porque todas me haõ de passar pelas maõs).

*Brit.* Talvez que mandasse esse dinheiro para Lisboa.

*Jul.* Não, Senhora: succedeo o que já vos disse, e o que agora repito na prezença deste sujeiro, que finge que nada sabe: escreverão-me de Lisboa, que certas pessoas vinhaõ por meu cunhado convidadas a divertirem-se nesta quinta, onde vem huma Senhora viuva... Está feito, não passemos adiante, as fincoenta moedas haõ de ter o mesmo fim, que tem tido tudo o mais, que lhe tenho emprestado.

*Brit.* Eu disso não me capacito.

*Jul.* Se vós lhe não dais credito, eu lho darei, e como vejo taõ proxima a sua ruina, não quero perder o que he meu: dizê a teu amo, que trate de me pagar o que me deve, ou segurar-me a minha divida, senão ponho o parentesco, e amizade de parte, e farei o que melhor me parecer. *Vai-se.*

*Gonç.* Sim, Senhor, eu lhe direi isso mesmo.

*Brit.* Meu marido tem muita razão.

*Gonç.* O mesmo digo eu tambem.

*Brit.* Já era tempo de meu irmão ter juizo.

*Gonç.* O Senhor Cezar ainda he manco.

*Brit.* Estas amizades, que tem, o haõ de deitar a perder.

*Gonç.* Já eu lhe disse isso mesmo.

*Brit.* Tu que tens capacidade, aconsel-

ha-o para o que he justo.

*Gonç.* Oh se elle me dera attençaõ! Tenho-o aconselhado, como hum Seneca; porém he difficultoza a empreza.

*Brit.* Pois com effeito não lhe posso fallar?

*Gonç.* Por agora não, Senhora: já era dia, quando se foi deitar: não lhe fallarei, senão muito tarde.

*Brit.* Pois em outra occaziaõ virei: dizê-lhe da minha parte, que eu lhe peço, que tenha juizo, e que olhe para a sua reputaçãõ: que eu o amo infinitamente; mas que em fim sou cazada, e que serei obrigada a deixallo. *Vai-se.*

*Gonç.* Em muito boas maõs o deixaste. Eu não nasci para Mestre de semelhantes loucos. A minha occupaçaõ he ser Mordomo da caza, e a exercito do mesmo modo, que de outro a aprendi: primeiro cuidoo na minha conveniencia, e depois na sua.

## SCENA II.

*Cezar, e Gonçalo.*

*Cez.* DE propozito te procurava.

*Gonç.* Muito bem me parece isto: hoje levantou-se V.m. mais cedo do que costuma.

*Cez.* Tanto que ha cuidados, logo se levanta huma pessoa cedo.

*Gonç.* Ainda agora aqui estiveraõ para lhe fallar o Senhor seu cunhado, e a Senhora sua irmã.

*Cez.* E já se foraõ?

*Gonç.* Neste mesmo instante.

*Cez.* Gosto summamente: fallemos no que nos importa.

*Gonç.* Grande ancia tinhaõ de o ver.

*Cez.* Não me falles no que não faço caso: fallemos no que nos importa:

espero esta manhã por vizitas de comprimento, haõ de aqui demorar-se tempo bastante, quero, que sejaõ tratados com grandeza para o jantar de hoje: e para a cêa hasde preparar huma meza de sincoenta pratos, onde naõ entra a copa, que para esta manda vir os vinhos mais generozos de Champanha, Lafita, Borgonha, Florença, do Rem: e compra doces de todas as qualidades, frutas nevadas, e todas as mais exquisitas, e das que neste tempo he difficulto achar: paga com grandeza a Lisboa fazer este diligencia, que naõ deixem caza de estrangeiro, nem ainda particular, onde naõ busquem os assepipes mais deliciosos: que naõ reparem em dinheiro, tragaõ tudo, custe o que custar.

*Gonç.* (Sem duvida he certo o que o cunhado disse).

*Cex.* Naõ percamos tempo, trata de pôr tudo prompto, e que naõ falte nada.

*Gonç.* Sabe, Senhor, o que me embaraça? he que com pouco se naõ pode fazer muito, e sem nada naõ se pode fazer coiza alguma.

*Cex.* Que coiza he nada, e que queres tu dizer nesse nada?

*Gonç.* Quero dizer, que sem dinheiro naõ posso fazer o que V.m. ordena.

*Cex.* E hum Mordomo, como tu, que cobra, e despense todas as minhas rendas, e governa a minha caza, chega ao extremo de naõ ter dinheiro?

*Gonç.* Meu Senhor, se eu tivera o segredo da pedra Filozofica, faria quanto ouro V.m. quizesse gastar; mas como me naõ dá dinheiro, e de pressa gasta o que lhe entrego, precisamente hei de estar sem elle.

*Cex.* Calla te: estou neste empenho: naõ quero ficar mal: toma-o por tua conta, e faze, com que eu fique bem: em ti descanzo, já sabes o que eu quero.

*Gonç.* Senhor, faça-me a mercê de me dar por despedido; porque eu o naõ posso já servir.

*Cex.* Estás louco? por taõ pouco perdes o animo? vem cá para cobreres alento: toma esta bolsa, nella estaõ quarenta moedas, despense-as, como te parecer.

*Gonç.* (Isto he o mesmo que eu dezejava). E como quer, que eu faça esta distribuicão?

*Cex.* Eu fio-me em ti, faze lá o que quizeres.

*Gonç.* Quarenta moedas parece muito dinheiro; porém em se entrando a gastar, vaõ-se pôr entre os dedos: (bem sei que ainda lhe ficaõ mais dez).

*Cex.* Depois de te dizer, que faças o que quizeres, faze o que quizeres.

*Gonç.* Dezejara governallas de fórma, que chegassem a tudo; porém devemos tanto por todas essas tendas deste sitio, que naõ sei para onde me vire para lhes escapar.

*Cex.* Naõ faças cazo delles, trata do que te encomendo, e faze, que os naõ vês.

*Gonç.* Por força lhes hei de fallar, e se lhes naõ der alguma coiza á conta, depois naõ teremos quem nos fio hum feiril.

*Cex.* Faze lá o que quizeres.

*Gonç.* E quantas pessoas são as que espera?

*Cex.* Naõ sei: para mim bastava, que viesse huma pessoa, que he a que tem lugar neste meu peito: mas quem sabe a companhia, que trará?

*Gonç.* Posso eu saber quem he essa pessoa?

*Cex.* Huma Senhora viuva taõ formoza como discreta: dezejo, que seja tratada com toda a attençaõ: da ordem às criadas, que se preparem a recebela, e tu da ordem a preparar tudo; que isto já vai sendo tarde.

*Gonç.* Por exemplo, e quanto quer que eu gaste?

*Cex.* Faze lá o que quizeres.

*Gonç.* Porém se eu gattar mais, e depois.....

*Cex.* Não me quebres a cabeça, já te disse, que faças o que quizeres. *Vai se.*

*Gonç.* Descançe, que ha de ser bem servido: quer, que eu gaste o que eu quizer; assim o farei.

## S C E N A III.

*Sanguixuga, e o dito.*

*Sang.* **D**isse-me o Senhor, que viesse fallar com V.m., que he o que me quer?

*Gonç.* Tenho muita coiza, que te dizer

*Sang.* Pois vamos, diga a primeira.

*Gonç.* Principiarei por aquella, que mais me convém. Sanguixuga, que-ria, que me quizesse bem.

*Sang.* E para isso he que meu amo me mandou fallar com V.m.?

*Gonç.* Elle me ordenou, que te dissesse, que preparasses tudo o que está a teu cargo, para huns hospedes, que espera, em que vem huma Senhora.

*Sang.* Tenho percebido, quer mais alguma coiza? *Quer partir.*

*Gonç.* Não estejas com tanta pressa, conversa hum pouco comigo: lembro me, que te prometti comprar hum vestido, não sei saltar ao que prometto, quero comprar-to. *Faz que ella veja a bolsa do dinheiro.*

*Sang.* Eu bem sei, que tem palavra  
*Gonç.* Porém tu não me tens amor?

*Sang.* Ai! não muito se engana, Senhor Gonçalo: quero-lhe mais do que V.m. imagina.

*Gonç.* Quando te quero fallar, sempre buicas pretextos para fugir de mim.

*Sang.* Faço-o só, para que o não percebaõ os mais criados de caza; porque o meu dezejo he estar sempre na sua presença.

*Gonç.* Ai! querida Sanguixuga, tu não muito me consolias.

*Sang.* Ora diga-me, e esse vestido quando mo ha de comprar?

*Gonç.* Logo, já, quando quizeres.

*Sang.* Pois por mim não he a diligencia.

*Gonç.* Se tu me quizeres bem, terás quanto appeteceres.

*Sang.* E quanto lhe custará esse vestido?

*Gonç.* Não sei: seis mil e quatro centos, entendo, que bastará.

*Sang.* He preciso saber comprar, V.m. não está pratico nestas coizas.

*Gonç.* Queres, que te dê dinheiro para o comprares a teu gosto?

*Sang.* Se he pelo alliviar desse trabalho, de boa mente o farei.

*Gonç.* Sim, querida Sanguixuga, aqui tens os seis mil e quatro centos. *Dalhos.*

*Sang.* Oh quanto lhe fico obrigada! com seis mil e quatro centos bem posso comprar o vestido, não ha de ser de custo, mas afeado: falta-me o manto..... porém não importa.

*Gonç.* Pois não tens manto?

*Sang.* Sim, tenho, mas está já muito uzado.

*Gonç.* Se queres compra-lo-hemos.

*Sang.* Não não importa.

*Gonç.* Elle não custará muito?

*Sang.* Outros seis mil e quatro centos me bastariaõ; mas não importa,

passarei sem elle por agora.

Gong. O que tens, ainda não estará tão velho como isso.

Sang. Ai! já está velhissimo, já o não posso trazar: pois não deito o vestido até não ter manto novo.

Gong. Ora pois aqui tens outros seis mil e quatro centos, e faze o manto.

Sang. Eu não queria, que V. m. dissesse.

Gong. Não digas mais nada: toma lá, compra o que te he precizo. *Dá o dinheiro.*

Sang. Se for a comprar o precizo, ainda precizo de muitas coizas mais.

Gong. Pois dize o que queres.

Sang. Nada, nada, não quero mais nada.

Gong. Com que para o dia de festa o fahirá. Volve a vestidinha de novo.

Sang. Para entao ainda não poderá ser.

Gong. Pois que falta mais?

Sang. Faltao-me meias, sapatos, pernetes, fitas para a cabeça, hum lenço para o pescoço, luvas, leques, e de . . . . mas não importa, daqui a pouco tempo terei tudo, de que necessito.

Gong. ( Javejo que se não ganhao trutas a bragas enxutas: bom principio-leva o dinheiro de meu amo). Quanto será precizo para todos estes dices?

Sang. Ai! menino, não quero mais nada: já me deo muito, não quero, que me chame cardadora: eu nunca pedi coiza alguma a ninguem na minha vida, nem tenho animo para isso, contento-me com aquillo, que me deo pela sua generozidade: tenho hums poucos de trafes velhos: humma caixa ainda em bom uzo, mandallos hei vender á feira do Rocio, e dois mezes, que já tenho vencido do meu ordenado: se faltar alguma coiza, pedi-lo-hei em presta-

do: e com mais seis mil e quatro centos farei tudo o que me falta.

Gong. Minha linda Sanguixuga, eu quero ter a gloria de te vestir de ponto em branco, aqui tens os seis mil e quatro centos.

Sang. Fui certamente os não aceito.

Gong. Ora que lhe has de fazer? toma-os, minha menina.

Sang. Não tem que toimar comigo, que os não quero.

Gong. Pois está bem: se o não quizeres . . . . .

Sang. Ora dê-os cá; que não quero ter ingrata a tanto favor.

SCENA IV.

*Carrapato, e os ditos: e vê, que Gongalo dá dinheiro a Sanguixuga.*

Gong. **F**icas agora vestidinha de novo dos pés até á cabeça.

Sang. Por mercê do meu querido, e adorado Senhor Gongalo.

Car. ( Oh terrivel condiçao de mulheres! )

Gong. Minha linda Sanguixuga, que-res-me bem?

Sang. Essa he a minha obrigação.

Gong. O principal cuidado, que has de ter, he não dar trella áquelle esfrangalhado de Carrapato.

Sang. Com elle não corro perigo.

*Carrapato suspira.*

Gong. Eu já te manifestei o summo amor, que te tenho: se me fores constante, talvez que contigo caze.

Sang. Será para mim humma fortuna não esperada.

Gong. Daqui a hum par de dias te fallarei com mais liberdade: sê muito sezudinha, e Carrapato, que se vá com a fortune.

Sang. Eu já totalmente o aborreço;

*Carrapato torna a suspirar.*

Gong.

*Gonc.* A Deos, meu benzinho, vou dar ordem a este jantar. (Se me demoro mais tempo, aqui me fica todo o dinheiro). *Olhando para a bolsa.*

*Sang.* Não se esqueça de mim.

*Gonc.* He impossível, que me esqueças. *Vai-se.*

*Sang.* Será bem tonto, se me der credito. *Vê a Carrapato.*

Vem tu cá, meu lindo Carrapatinho: vem, tu só és a minha alegria.

*Car.* Com quem falla, minha Senhora?

*Sang.* Que he o que tens? estás comigo enfadado?

*Car.* Principalmente não me dê trela áquelle esfrangalhado de Carrapato: com elle não corro perigo.

*Sang.* Oh quanta vontade tenho de rir daquelle tollo de Gonçalo!

*Car.* Vá por esses ares Carrapato, eu já o deixei de todo, já totalmente o aborreço.

*Sang.* Ora eu te conto, como isso foi.

*Car.* Não necessito, que mo digas, já fei tudo. O amigo metteo mão a bolsa, e o interesse atacou as muralhas do teu amor.

*Sang.* Para te mostrar, que em mim pode mais o amor, que o interesse, estes são os dezanove mil e duzentos, que o Mordomo me deo muito por sua vontade, se os queres, aqui os tens.

*Car.* E para que te deo elle tanto dinheiro?

*Sang.* Para toda me vestir de novo.

*Car.* Para que se mette Judas com as almas dos pobres? que lhe importa a elle os teus vestidos?

*Sang.* Não lhe importa, nem lhe deve importar.

*Car.* E porque lhe aceitou esse dinheiro?

*Sang.* Tudo te direi, meu Carrapato: hem sabes, que Gonçalo rouba,

quanto pode a seu amo; e faço de conta, que elle me não dá nada do que he seu.

*Car.* Não me defagrada essa razaõ.

*Sang.* Nem em mim para contigo se acha senão huma boa intençãõ.

*Car.* He muito boa intençãõ dizer, que já totalmente aborrece ao pobre Carrapato?

*Sang.* Isso disse eu com a boca, mas não com o coraçãõ.

*Car.* Isso creio eu agora; porque bem se sabe, que as mulheres tem huma coiza na boca, e outra no coraçãõ.

*Sang.* Conforme a occaziãõ o pede: por exemplo, quando fallo com o meu querido Carrapato, o que me dicta o coraçãõ, exprimo com a boca.

*Car.* Disso duvido eu.

*Sang.* Porque? já em mim achaste o contrario?

*Car.* Já V. m. me pregou huma capaz.

*Sang.* E qual toi?

*Car.* Offerece-me por cerimonia o dinheiro, e depois guarda-o mui depressa na algibeira.

*Sang.* Pois a qui o tens, de novo to torno a offerecer.

*Car.* Sou prudente, não lho quero aceitar todo: pouco me basta para comprar huns trastes, de que necessito.

*Sang.* De muito boa vontade to darei; e que trastes queres fazer?

*Car.* Queria fazer hum vestidõ de panno fino com a sua abotoadura de prata, e agaloado da mesma: hum sobretudo bizarro: hum bom chapéo de bordadura: dez, ou doze camizas de esguiãõ com seus punhos: hum espadim de prata: e se fõbejasse alguma coiza, compraria hum relógio de ouro.

*Sang.* Pois todos esses trastes queres comprar com dezanove mil e duzentos?

*Car.*

Os successos do Filho Prodigio.

7

*Car.* Não te affustes, que se gastem todos; porque ainda sobeja muito para ti.

*Sang.* Sabes tu, quanto são dezanove mil e duzentos?

*Car.* Sim, dezanove mil e duzentos serão dezanove mil e duzentos.

*Sang.* Para todos esses traltes não te bastaõ vinte moedas.

*Car.* Pois dezanove mil e duzentos quantas moedas de oito tostoens são?

*Sang.* Essa conta não sei eu fazer; mas sei muito bem, que são quatro moedas de quatro mil e oito centos cada huma.

*Car.* Pois quatro moedas de ouro não são mais de dezanove mil e duzentos?

*Sang.* Pobre Carrapato! bem mostras, que não estás costumado a lidar com dinheiro; pois não conheces o valor dessas moedas: deixa estar, que eu com o tempo te darei a conhecer este dinheiro, e te farei hum vestido mui galhardo, com que has de andar contente, e alegre: cuida em me ser fiel; e não duvides de mais nada. *Vai-se.*

*Car.* Ella diz, que eu não conheço dinheiro, e esgueira-se sem principiar a dar-me a conhecer dezanove mil e duzentos: na verdade, que me parece hum montão de dinheiro.

SCENA V.

*Cezar, e Carrapato.*

*Cez.* Que fazes aqui?

*Car.* Não vê o que faço? nada.

*Cez.* Bem: pois vai fazer alguma coiza: anda mandrião, vai trabalhar.

*Cez.* Atrevido, a sim respondes a teu amo?

*Car.* Eu não conheço por amo senão a hum só.

*Cez.* E quem he esse amo, que tu conheces?

*Car.* Octavio Mordomo.

*Cez.* O Mordomo? tu não sabes, que tanto o Mordomo, como tu, e os mais, que comem o meu pão, são meus criados, e que lhe pago salario.

*Car.* Eu não sei essas histicrias; ha muitos annos, que o Senhor Mordomo me manda trabalhar, e me paga, e não conheço, e nem quero conhecer outro amo senão a elle.

*Cez.* E eu não sou ninguém nessa casa?

*Car.* Seja o que quizer, que isso a mim não me importa.

*Cez.* E se eu te mandar trabalhar, não me has de obedecer?

*Car.* Certamente que não.

*Cez.* Tu não sabes, que te posso deitar fóra desta casa?

*Car.* Não me despeça o Senhor Mordomo, que os mais não se me dá.

*Cez.* Tu me estás incolerizando de fóra, que te matarei.

*Car.* He coiza, de que não faço cazo!

*Cez.* Toma, temerario: vai-te diante de mim. *Da-lhe hum pescoção.*

*Car.* De vagar, veja, em quem dá: espere que eu vou fazer queixa a meu amo. *Vai-se.*

*Cez.* Todos estes criados me desconhecem, e não fazem estimação de mim, e só attendem ao Mordomo; mas isto nasce da grande confiança, e liberdade, que lhe tenho dado: que ha de ser? até hum dia destes a mim mesmo me desatendeo: porém que lhe hei de fazer? descanço nelle, e quero divertir-me, e não cuido no que me convêm. Congalo he excellente homem, tudo traz prompto, e bem governado, e quando precizo de dinheiro, elle o remedêa: verdade he, que ha tempo

po. a esta parte se descuida; porém  
 ferá para coarctar a liberdade, com  
 que o gosto; agora estou nesta pre-  
 ciza obrigação de generosamente  
 hospedar esta Senhora, que anci-  
 zamente espero. Quero que se gas-  
 te sem reparo, e que se lhe fação  
 obsequios sem limites, e sem Gon-  
 çalo ver-me-hei tonto, e não valho  
 nada.

## S C E N A VI.

*Vê-se chegar hum escaler, e se ouvem  
 algumas vozes dos salueiros, que  
 gritão como costumão; chegam ao  
 porto do desembarque, e depois vem  
 desembarcando Octavio, Leandro,  
 e D. Clara.*

**Cez.** **M** As elle, que chega: vou  
 prontamente a servilla.

**Oct.** Senhor Cezar, meu intimo ami-  
 go! *Desembarca.*

**Cez.** Senhor Octavio, que consola-  
 ção me dais! *Abraçaõ-se.*

**Leand.** Senhor criado do Senhor Cezar!

**Cez.** Meu amigo, estou ás suas ordens:  
 mas quem sois vós, Senhor?

**Leand.** Sou hum primo do defunto  
 marido da Senhora D. Clara.

**Cez.** (Sinto que trouxesse consigo  
 este parente) O vosso parentesco  
 com a Senhora já he muito affas-  
 tado.

**Leand.** Porém he o que basta para eu  
 não deixar de metter todas aquel-  
 las obrigaçoens de fiel criado da  
 Senhora D. Clara.

**Cez.** (Entendo, que pretende ser seu  
 chichibéo) Não façamos esperar a  
 Senhora, eu vou servilla.

**Leand.** Não se incomode, que eu  
 vou. *Vai-se.*

**Oct.** Não vos admireis, Senhor Cezar;  
 porque estes dois parentes se tratao  
 com muita attençaõ.

**Cez.** (Nem por isso me agradaõ es-  
 tes parentinhos).

**Oct.** Agora he que desembarca.

**Cez.** Senhora D. Clara, minha Senho-  
 ra, que alegria me dais nesta hon-  
 ra, que me fazois!

**Clar.** Não apouco agradeceer a Oca-  
 vio meu irmão; pois se elle me  
 podia obzir a este excesso.

**Cez.** A vós, e á elle farei por re-  
 compensar com as minhas demon-  
 traçoens de agradecimento: vosses,  
 Senhora, á vossa honra?

**Clar.** Supplico a jornada. Foi feliz,  
 não deixei de me pensar pelo  
 grande medo, que do mar tenho.

**Cez.** Pois, Senhora, vamos para casa,  
 e na quinta, que podeis dispor del-  
 la como vossa, succedaris dessa per-  
 turbação, que sentistes.

**Clar.** Vamos: ainda me parece, que  
 estou no escaler.

**Cez.** Amigo, acompanhai a vossa irmã:  
 meu amo, sirva-se tambem de ir.

**Clar.** Vinde vós tambem, Senhor Ce-  
 zar. *Vão-se os tres.*

**Cez.** Já vos obedeco, minha Senhora.  
*Zapete. Sahe Zapete.*

**Zap.** Senhor.

**Cez.** Vai buscar ao escaler a malla da  
 Senhora D. Clara, e pergunta ao  
 patraõ do escaler, se já lhe pagaraõ  
 o seu frete.

**Zap.** Eu vou, Senhor: (ninguem gasta  
 o seu dinheiro com peor gosto, que  
 meu amo). *Vai-se.*

**Cez.** O irmão, e o primo!  
 não o posso soffrer: ao irmão ro-  
 guei, para que em companhia da  
 Senhora se viesse divertir á minha  
 quinta, para ver, se tinha melhor  
 occasiaõ de lhe descobrir meu pei-  
 to, e ver, se está de animo de ser  
 minha feliz espoza.

*Sahe Zapete.*

**Zap.** Senhor, o patraõ diz, que ain-  
 da

*Os successos do Filho Prodigio.*

da lhe não pagarão o frete, e que hum daquelles Senhores á quem lhe fallou: que esse lhe pagara.

*Cez.* E em quanto ajustaráo?

*Zap.* Não mo quiz dizer: só me pedem para beber alguma coiza.

*Cez.* Está bem: toma, da-lhe esses leis mil e quatro centos: que fação boa viagem. *Dá dinheiro.*

*Zap.* Porém, Senhor, veja, não se escandalizem áquelles Senhores.

*Cez.* Vai, toleiráo; que não entendes mais: faze o que te mando: elles vieraõ a meu respeito: eu he que devo pagar.

*Zap.* Eu vou (se não houvesse destes tolos, não se podia viver no mundo: o que pagava com dezafes tostoens, manda dar seis mil e quatro centos.) *Vai-se.*

*Cez.* Não precizo, que me ensinem, como hei de tratar com as pessoas: gasto muito; porém sei despender: sou liberal, e generoso, e gofso, que todos fallem das minhas generozidades. *Vai-se.*

S C E N A VII.

*Sala com cadeiras.*

*D. Clara, Leandro, e Octavio.*

*Leand.* **S** Enhora D. Clara, permitta-me licença de lhe ~~Cezar~~ esta liberdade. Neste Senhor Cezar não acho fundamento para fazer grandezas, e me parece, que esta nossa lurtida não será grata.

*Clar.* Já estais certo, que eu repugnei a esta visita: e não a faria, se meu irmão quasi por força me não obrigara.

*Octav.* Eu não sei, que cauza tendes para essas queixas: o Senhor Cezar vive muito satisfeito de vós, e elle de vós he attendido: se elle

vos amara de veras, não era huma boa conveniencia para huma Senhora viuva, que não tem avultado dote?

*Leand.* Não seria má, se elle não estivera tão miseravel pela sua superfluidade, com que se tem ridiculizado ainda com os mesmos, que idolatroriamente concorrem para o seu precipicio.

*Octav.* E cora que fundamento affirmais isso?

*Leand.* Não ouvistes o que disserão aquelles dois homens, que deixámos vir em nossa companhia no escaler?

*Clar.* Se for certo metade do que elles disserão, Cezar em breve tempo não tem de que se sustentar.

*Octav.* E que certeza tendes de que elles não fallaraõ com paixão?

*Clar.* Com tudo não estou aqui por minha vontade.

*Octav.* E eu estou muito á minha satisfacão, succeda o que succeder. Em gozando oito dias deste deliciozo sitio, iremos pelo mesmo caminho, por onde viemos.

*Leand.* Porém diraõ, que nós fomos tambem da patrulha daquelles, que muito concorrem para a sua ruína.

*Clar.* Isso he o que mais me mortifica.

*Octav.* E eu não tomo fastio algum: em quanto aqui estivermos, observaremos o trato, e grandeza do Senhor Cezar; e como virmos, assim julgaremos.

*Leand.* Dizem, que o Senhor Cezar além dos mais costumes, tambem he libertino.

*Octav.* Minha irmã he viuva, e o saberá dominar.

*Clar.* He verdade, eu não lhe sou inclinada; porém rogo-vos, que me não deixeis só com elle.

*Ottav.* Desgragada Senhora! mui pouco em vós confiais.

*Clar.* Nunca parece bem ficar com elle só.

*Leand.* A Senhora D. Clara infunde todo o respeito, e para alcançar hum segundo consorte, não necessita de o procurar: não lhe hão de faltar sujeitos benemeritos de maior conveniência.

*Ottav.* Pois acabou com isso: se tendes algum mais prompto, declarai-o; porque a minha irmã lhe aborrece o estado de viuva.

*Clar.* Vós não sabeis o que dizeis.

*Ottav.* Oh! sim, pelos olhos vos conheço.

*Leand.* A conveniência não está daqui muito longe; mas quem aspira a esta felicidade, não se atreve a declarar.

*Clar.* Dizei-me, Senhor Leandro, quem he?

*Leand.* Não terei o atrevimento para assim o manifestar.

*Ottav.* Oh! sim, já entendo; o Senhor primo quer unir mais o parentesco.

*Leand.* Senhor adivinhaõ....

*Ottav.* A hi vem Cezar.

### SCENA VIII.

*Cezar, e os ditos.*

*Cez.* **M**Eus Senhores, Senhora D. Clara, porque te não sentas?

*Clar.* Estive tanto tempo sentada no escaler, que me entalliou.

*Cez.* Pois sentemo-nos; e conversaremos hum pouco. *Vai buscar duas cadeiras, e senta-se.*

*Clar.* Todos nos sentaremos.

*Cez.* (Este, entendo, que se querã divertir no jardim!) Já vio o jardim? *A Leandro.*

*Leand.* Ainda não; porém logo o veremos.

*Cez.* Estas são as melhores horas de se poder legar. Não faz muito foi, e ainda com elle melhor se goza: veja aquellas ruas cobertas, aquelle frondozo bosque, que conserva hum fresco o mais delizioso do mundo.

*Leand.* Depois de juntar iremos gozar da sua delicia em companhia da Senhora D. Clara.

*Ottav.* Certamente, que por mais delizioso, que seja hum jardim, sem gente nunca me pareceo bem.

*Cez.* Ora não percaõ occasião em se divertirem: vão passear, vão brincar por esta quinta.

*Leand.* Senhor, com vossa licença chego huma cadeira, e por agora tô me agrada estar aqui. *Senta-se ao pé de D. Clara.*

*Ottav.* Pois aqui teremos a nossa conversação. *Faz o mesmo.*

*Clar.* A companhia he o melhor divertimento do campo.

*Cez.* (Já vejo, que nos não deixão sós.)

*Ottav.* Como se diverte o Senhor Cezar nesta sua quinta?

*Cez.* Para vos confessar a verdade, eu me divijto muito bem. Poucas vezes me succede estar só. Nestes tempos sempre tenho dez, doze amigos, que me fazem a honra de me virem vizitar; e de verãõ são vinte, trinta. Quando não vem algum, vou passear até à braca, e se encontro algum homem de bem, o convido para jantar; e na falta destes mando chamar todos estes vizinhos: mando-lhes dar largamente de comer, e beber: dançaõ, jogãõ, brincaõ, e isto me satisfaz. Todos aqui me levaõ por seu compadre, e lhes faço o gasto com grandeza. A's afillhadas para achar

rem noivo com brevidade, lhe dou vinte, trinta moedas para seu dote, e o banqueiro corre por minha conta: Finalmente só cuido em estar alegre, esquecido dos labyrinthos da Cidade, e da confusão desta casa: e para completar o meu contentamento só me falta...

*Clar.* A esposa, não he assim? Porém difficulzamente a achareis.

*Cez.* E porque, minha Senhora, hei de encontrar essa difficuldade?

*Clar.* Vós tendes todo o motivo, para que vos não queiraõ.

*Cez.* Em eu cazando, não hei de ser assim.

*Leand.* Quem he prodigo por natureza, com difficuldade se emenda.

*Octav.* Quando cazardes, não haveis de ser assim.

*Clar.* Muito vos agradou esse dito.

*Octav.* Não se ha de divertir, quando cazar?

*Cez.* Certamente que não: em cazando, logo mudo de costumes, e todo me sujeito á minha querida Senhora.

*Clar.* Quantos mancebos tem feito o mesmo protesto, e com a mulher ao lado se fizeram peores!

*Cez.* Pois eu não hei de ser desses.

*Leand.* Se eu fora mulher, certamente vos não escolhia para marido.

*Cez.* Senhor primo da Senhora prima, não estamos neste caso: peço, que lhe não dê tanta paixão este negocio.

*Octav.* E se eu fora mulher, não escolheria outro para marido, senão ao Senhor Cezar.

*Cez.* Eu vos protesto, que haviéis de ser ditozo: e vós, Senhora D. Clara, não dizeis nada?

*Clar.* Sou mulher, não posso fallar, como elles fallaõ.

*Cez.* E o que tem serdes Senhora? Por ventura sou eu digno de ser desprezado:

*Clar.* Tendes circumstancias, pelas quaes mereccis toda a attenção, e amor; porém tendes outras, que muito deslustraõ a vossa pessoa.

*Cez.* Dizei-me de pressa, quaes ellas são, para logo as desprezar, só para ter a gloria de me conservar na vossa graça.

*Leand.* Minha prima até agora ainda vos não admitto na sua graça.

*Cez.* Senhor primo, era melhor, que me deixasse, e não fosse tão imperitante.

*Octav.* Minha irmã he Senhora, que sabe distinguir os merecimentos.

*Cez.* Ah Senhor Octavio! bem mostrais, que sois meu amigo. Que gloria seria a minha, se fosse vosso parente!

*Octav.* Coiza era bem facil, se minha irmã quizera.

*Cez.* E que respondeis vós, Senhora?

*Leand.* Não he este tempo opportuno para semelhantes determinações.

*Cez.* Eu não fallo com elle, meu Senhor.

*Clar.* Meu primo diz bem: vós não conversais a propozito.

*Cez.* Tendes razão, perdoai-me: muitas vezes se falla sem advertencia: a boca he o orgão, que facilmente se deixa mover pelo coração; e as palavras, que dicta o coração, sempre são sinceras. Mudemos de discurso. Que vos parece, Senhora, este anel?

*Clar.* O anel está bem feito: os diamantes são iguaes, e perfeitos.

*Cez.* Será temeridade, se eu chegar a pedir, que...

*Leand.* A's Senhoras de bem não se offerecem aneis.

*Cez.* E os homens de bem não uzaõ villanias com os seus iguaes?

*Leand.* E quem são esses, que assim uzaõ?

*Cex.* Para fallar sem rebugo, sois vós.

*Ottav.* Sois mui fogozo, Senhor Leandro: nós viemos a esta quinta a divertir-nos, e não a obrar delpropozitos.

*Leand.* Estou em companhia de minha prima, e não hei de consentir, que se lhe perca o respeito. *Levanta-se.*

*Clar.* Eu primo, ainda não necessito de quem despiques o meu decoro. *Levanta-se.*

*Cex.* Bello, minha Senhora!

*Leand.* Pois está bem: eu vos deixo á vossa vontade. *Em acto de partir.*

*Cex.* (Destá se vai embora.)

*Clar.* Estimo a vossa amizade, mas nem por isso . . .

*Leand.* Basta, Senhora, não quero ouvir mais. *Vai-se enfadado.*

*Cex.* (Vai-te, que nunca tornes.)

*Ottav.* (Quanto melhor era, Senhora, que não viesse com este louco.)

*Clar.* Não sabia, que elle me estava inclinado.

*Cex.* Senhor Ottavio, não quizera, que por cauza taõ pequena se desfizesse esta amavel companhia.

*Ottav.* Não ha de ser nada, não vos dê cuidado.

*Cex.* Faça-me este favor: vá buscar aquelle amigo; socegue-o, e da minha parte lhe diga, que se o offendi, que estou prompto a pedir-lhe perdão.

*Ottav.* Ora eu vou, e com duas palavras o accommodo.

*Clar.* Ainda he cedo, deixai-vos estar.

*Cex.* Não perca tempo, vá, antes que se encolerize mais.

*Ottav.* Vou, e já venho no mesmo instante. *Vai-se.*

*Clar.* (Muito receio ficar só com Cesar.)

*Cex.* Senhora D. Clara, sentemo-nos hum pouco.

*Clar.* Deixai-me estar; que assim estou bem.

*Cex.* Ora fazei-me esta mercê: estais em caza de hum homem de bem incapaz de vos cauzar o minimo desgosto.

*Clar.* Faço-o só por vos não desagradar. *Senta-se.*

*Cex.* Agora haveis de me fazer outra mercê.

*Clar.* Que perendeis mais?

*Cex.* Haveis de ter a bondade de aceitar este anel.

*Clar.* Isso não faço eu.

*Cex.* E porque não?

*Clar.* Guardai-o para dar á vossa espoza.

*Cex.* E se fosseis a minha espoza, aceitaralho-hieis?

*Clar.* Nesses cazo não poderia recuzallo.

*Cex.* Pois fazei de conta, que sois minha espoza, e recebei-o.

*Clar.* Não, Senhor, não estamos nestes termos.

*Cex.* Se ainda o não estamos, poderemos estar?

*Clar.* Primeiro que isso seja, tem muito, que considerar.

*Cex.* Pois demos principio a esta consideração: declarai-me o vosso intento.

*Clar.* Primeiro que tudo . . . .

## SCENA IX.

*Zapate, e os ditos.*

*Zap.* S Senhor.

*Cex.* S Quem te quebrára a cabeça.

*Zap.* Obrigadissimo a esta mercê.

*Cex.* Que queres, villão ruim?

*Zap.* Chegou de Lisboa o Senhor Doutor Galpar.

*Cex.* Que importa lá o Doutor? dizelhe, que se vá embora.

*Zap.* Tem precisão de lhe fallar, porque hoje se ha de sentenciar a sua cauza. *Cex.*

*Cez.* Ah! Sim, nem tal me lembrava: dize-lhe, que espere.

*Zap.* Sim, Senhor. (Depois de tanta gritaria já o manda esperar.) *Vai-se.*

*Clara.* Senhor Cezar, cuidai no que vos importa: fallai ao Doutor. *Levanta-se.*

*Cez.* Dizei-me primeiro o que me querieis dizer.

*Clara.* Em outra occasião será: por agora cuidai no que vos convem.

*Cez.* Pois ao menos accedai este anel.

*Clara.* Não, guardai-mo; eu o accitarei a seu tempo, se me for licito accitallo. *Vai-se.*

*Cez.* Agora percebo, que D. Clara he cheia de muita prudencia: não aceita dadivas, senão daquelle, de quem lhe he licito o recebellas; atende mais ao seu credito, que ao interessé: conservarei este anel em depozito, como seu: vamos a despedir de pressa este Doutor, que he gente, que abomino. *Zapete.... Chamando.*

*Sahe Zapete.*

Dize ao Senhor Doutor, que venha. *Vai-se Zapete.*

## SCENA X.

O Doutor, e o dito.

*Dout.* **S**enhor Cezar, sou seu venerador.

*Cez.* Que novidade he esta, Senhor Doutor? como vai a nossa cauza?

*Dout.* Hoje, Senhor, se ha de sentenciar a vossa cauza, e estais mui descangado, gozando as delicias desta quinta, sendo ella de tanta importancia?

*Cez.* A minha cauza está bem recommendada aos meus defensores, e não necessita da minha assistencia. Eu disto nada entendo, e de todo

o entreguei a quem bem o sabe: se sahir a meu favor, hei de estimallo: se for contra, exito o desgosto de prezenciar a minha desgraça.

*Dout.* Admiro-me da indifferença, com que estais em huma cauza de tanta ponderação.

*Cez.* Pois que quereis, que eu faça? Ha tres annos, que esta cauza se litiga, e ha outros tantos, que o meu morgado se acha sequestra-do: se se perde, pouco sentimento me cruzaria por estar já costumado a não possuir estes bens: apellare-mos depois, e aré a sua decizaõ reinos, que esperar.

*Dout.* Esta manha se ha de propôr o feio.

*Cez.* Esta manha se ha de propôr, e vós, que sois o solicitador, e o mais bem instruido na cauza, ma desamparais, e de proposito vindes á minha quinta estranhar-me o meu socego? muito mal me parece isto.

*Dout.* A cauza de tarde he, que se ha de publicar em audiencia, e ainda chego a tempo de requerer tudo, o que for a bem de sua justiça.

*Cez.* Pois tornai para Lisboa, e deixai-me gozar em paz o meu socego.

*Dout.* Eu vim por ser assim preciso.

*Cez.* Pois se quereis dinheiro, eu não tenbo real.

*Dout.* Houtem fizeraõ os letrados sua conferencia, e cada vez achão mais difficulzoza a sua decizaõ.

*Cez.* Sahirá contra nós? paciencia; nenhuma mortificação me dá.

*Dout.* Se nós nos poderemos ajustar com a parte, não teria melhor para vós?

*Cez.* Isto era excellente: ajuste-se muito embora; eu sempre ouvi dizer, que mais vale hum ruim concerto, que huma boa demanda.

*Dout.*

**Dout.** Eu tenho confiança, em que seja vantajozo para nós.

**Cex.** Muito melhor, e se assim for, eu vos saberei agradecer.

**Dout.** Fui ter com o letrado da parte depois da conferencia, e percebi, que elle receia o bom exito da causa, e não será difficulতো o persuadillo a huma composiçãõ.

**Cex.** Só seria bom, que elle se compuzesse, e que ao meu morgado se lhe levantasse o sequestro, e eu tornasse a possuir os meus bens.

**Dout.** Eu tenho esperança de que pouco hei de accommodar o vosso contendor.

**Cex.** Se tal alcançais, fois hum grande homem: e o agradecimento corre por minha conta.

**Dout.** Porém he preciso, que passemos ambos a Lisboa.

**Cex.** Meu amigo, hoje tenho hum grande embarço para o fazer: eu em vós me louvo, e tudo o que fizerdes, o dou por bem feito.

**Dout.** Pois dai-me os poderes para fazer este concerto, e o concluir.

**Cex.** Sim, meu grande amigo: fazei tudo que vos parecer; que tudo dou por bem feito.

**Dout.** Vou de pressa para Lisboa, e ainda esta tarde aqui venho com a resposta.

**Cex.** Muito o estimo: fico-vos esperando: e tendes boas esperanças de que possuirei outra vez o meu morgado, e se levantatã o sequestro?

**Dout.** Quazi quazi, que estava para vos afirmar, que sim.

**Cex.** Sinto não ter agora cem moedas; que todas vos dava.

**Dout.** He pouca fortuna minha... mas não importa; porque eu bem conheço a sua bizzarria, e correpondencia.

**Cex.** Vós bem me conheceis: não te-

nho dinheiro, não tenho nada, que vos offerecer. Desgraçado, que sou! e de propozito vistes de Lisboa a meu respeito?

**Dout.** Certamente, e deixei todos os mais negocios, que tinha.

**Cex.** Em má occasiãõ vistes: mas esperai: este anel sirva de memoria para de mim vos lembrardes.

*Quer dar o anel, que offereceo a D. Clara.*

**Dout.** Não, Senhor, isso não sinto eu...

**Cex.** Tomai, e vos digo, quando dou, dou de boa vontade.

**Dout.** Eu o aceito por não recuzar este favor. *Acceita-o.*

**Cex.** Esta tarde trazei-me sem falta a noticia do que se passar.

**Dout.** Sem falta venho com a resposta.

**Cex.** E principalmente o alevantamento do sequestro.

**Dout.** Hei de traçar o modo para isso.

**Cex.** Se o traçais, disponde de cem moedas, que já vos offereço.

**Dout.** Obrigadissimo vos fico, meu Senhor. (Estas são as partes, que se devem servir de boa vontade.) Permitta o Ceo, que seja feliz: porém tenho fundamentos para affirmo o esperar. *Vai-se.*

**Cex.** Se este negocio se faz, e se torno a possuir o meu morgado, ponho direita a minha caza. Elle rende seis mil cruzados, contento-me, que no ajuste me deixem quatro. Muito merece este Doutor, de-lhe aquelle anel, e já o tinha dado a D. Clara, como em depozito guardava para ella, e como coiza sua: porem não importa: feito este pacto, eu lhe compiarei outro muito melhor: gastarei nelle quatrocentos, ou quinhentos mil reis: e lhe darei a conhecer bem quem eu sou: e o Senhor primo virá no

conhecimento, se eu sou generoso em gastar, e se sei tratar com Se-

nhoras: com qualque ar de fortuna Cezar não cede a ninguém. *Vai-se.*

## ACTO SEGUNDO.

## SCENA I.

Cezar, e Gonçalo.

*Cez.* **G**onçalo, da-me hum abraço: já chegou a nossa alegria.

*Gonç.* Alegria? Não! (com as lagrimas nos olhos.)

*Cez.* Tu me fazes perder a paciência: Que lagrimas? que melancollas? Digo, que chegou a nossa alegria: bem sei o que digo.

*Gonç.* Pois haja alegria, e mais alegria; porém entendo, que será por muito pouco tempo.

*Cez.* Que pouco tempo? Não sabes o que vai de novo? Vistes o Doutor Gaspar?

*Gonç.* Sim, Senhor, vi.

*Cez.* Esta tarde o espero, e me traz o ajuste da minha demanda. Tomo posse do morgado: Cezar terá muito dinheiro, e Gonçalo, que o saberá defender com grandeza.

*Gonç.* Assim he: pois feita, e mais feita. Gonçalo he tímido, e não replandecer a generozidade de seu amo.

*Cez.* Pois para esta noite quero huma cêa mais esplendida, e hum baile o mais vistoso, que temos feito neste sitio de Sacavem.

*Gonç.* Para esta noite?

*Cez.* Sim, para esta noite.

*Gonç.* Porém V. m. ainda não está de posse do seu morgado.

*Cez.* Se ainda o não elleu, estarei, e teremos muito dinheiro.

*Gonç.* Esse dinheiro de futuro não remedêa a necessidade de prezenc.

*Cez.* Não me importunes, e dá ordem ao dinheiro.

*Gonç.* Das quarenta moedas, que me dá, que cuida V. m. que me resta?

*Cez.* Eu não sou adivinhaõ, nem me importa adivinhallio: quero o baile, quero a cêa: haja dinheiro: e tu põe tudo prompto.

*Gonç.* Eu esticarei na festa, e na cêa, e V. m. cuide só em huma coiza.

*Cez.* E so que?

*Gonç.* Em me dar dinheiro.

*Cez.* Pois eu não te dei ainda esta manhã quarenta moedas?

*Gonç.* Grande dinheiro! pois adivinhe agora quantos tenho.

*Cez.* Já te disse, que não sou adivinhaõ: além de que o jantar de hoje não não podia importar quarenta moedas.

*Gonç.* Eu logo lhe disse, que precisava accommodar estes credores, e que estes dias me não deixariaõ a porta; e vendo estes hospedes em caza, tariaõ gutura, e lhe deitariaõ a perder o credito.

*Cez.* Ah Gonçalo! accommoda-os, para que me não deserditem.

*Gonç.* Para que não gralleem, he que por elles distribui vinte moedas: em quinze importou o jantar: e não me restaõ mais que cinco.

*Cez.* Só cinco?

*Gonç.* Sim, Senhor: a qui tem o rol.

*Cez.* Tira para lá isso: já te disse, que fizelles o que quizeses, e isto basta.

*Gonç.*

**Gonç.** Agora seja; se tenho dinheiro para a casa, e para o baile.

**Cez.** Não me importa cá isso: eu quero, que se faça isto infallivelmente.

**Gonç.** Pois recipe: venha o dinheiro.

**Cez.** Bellissimo, Senhor Medico: pois nesta enfermidade tu has de ser o medico, e o boticario.

**Gonç.** E que quer V. m. dizer nisso?

**Cez.** Se como medico disseste o *recipe*, como boticario has de preparar a receita.

**Gonç.** Já percebo: quer, que eu dê ordem ao dinheiro?

**Cez.** Isso mesmo: mui esperto és: penetras pelos ares: por isso te quero bem.

**Gonç.** E quanto imagina, que lhe he precizo?

**Cez.** De outras vezes tem custado vinte moedas; porém desta quero, que seja com maior estrondo.

**Gonç.** Elles Senhores vão-se á manhã?

**Cez.** Creio, que não: espero, que a Senhora D. Clara não vá daqui tão cedo.

**Gonç.** Pois devemos prever o futuro em sustentar o mesmo tratamento.

**Cez.** Não te affustes; que o morgado he nosso.

**Gonç.** E neste meio tempo?

**Cez.** Vai tu supprindo.

**Gonç.** Agora advirto, que quer consumir todo o trigo, que tem, e que lhe podia servir para sustentar a sua familia todo o anno.

**Cez.** Pois não importa: vende de pressa o trigo, e venha o baile: faze o que quizeres.

**Gonç.** E depois se saltar o pão?

**Cez.** Supprirá o morgado: não necessitaremos.

**Gonç.** Com que vendo o trigo do celleiro?

**Cez.** Sim, meu rico Gonçalo: vende não só esse, mas ainda o que

está semeado, e tudo o mais, que te parecer: quero infallivelmente esse baile, seja como for.

**Gonç.** Sim se venderá, mas será por hum preço mui inferior: ha tanto trigo, que o andaão pelas portas a offerecer. Vender-se-ha pelo preço, que logo derem, por se apurar o dinheiro.

**Cez.** Já te disse, que faças o que quizeres, com tanto que haja dinheiro para o baile.

**Gonç.** Pois vou dar ordem ao que devo fazer.

**Cez.** Attende a que a cêa seja melhor, que o jantar: não te esqueças os refrescos: o cha, o café, chocolate, frutas nevadas, bebidas as mais delicadas. Manda, que venhão os melhores dançarinos, dezoito rabecas, tres rabecoers, hum pequeno, e dois grandes, quatro clarins, e trompas, boé, flauta travessa, dois fagotes; e o cambio para afinar o cravo: e todos estes sejam os melhores professores: e que para todos se aluguem segos: convida toda a qualidade de pessoas para cearem: podes pôr tres mezas, cada huma respectiva á qualidade das pessoas. Faze, com que sejam bem servidos, e que lhes não falte coiza alguma do que appetecerem com promptidão, e bom gosto: sei, que o tens: em tudo, e por tudo faze o que quizeres.

**Gonç.** Pelo que vejo, quer V. m. esta noite consumir o producto do trigo; e queira Deos, que chegue.

**Cez.** Gaste-se todo o dinheiro do trigo; toda a caza, e toda a copa: huma vez empenhado, quero dar a conhecer o meu animo. Virá depois o Doutor com a noticia da posse do meu morgado, Cezar terá muito dinheiro, e o meu riquinho

nho Gonçalo fará o *recipe* das despezas, e com o cordial das moedas curará as tristezas dos amigos, fazendo com que todos vivaõ contentes. *Vai-se.*

## SCENA II.

Gonçalo, e depois Sanguixuga.

Gonç. **E** Que todos se aproveitem! e quem o não fizer, será hum tolo: eu cá farei a minha obrigação: e te meu amo toma posse do morgado . . . .

Sang. Senhor Gonçalo, eu faço melhor as contas ás despezas, que hei de fazer com o dinheiro, que a tua generosidade me deo, e para lhe confellar a verdade, acho, que . . . . *Detendo-se alguma coiza.*

Gonç. Que te falta? mais alguns dezasseis tostoens? não he assim?

Sang. Ai, que galantaria! pois entendes, que te me faltasse mais alguma moeda, que lha havia de pedir? Não tinha tal atrevimento, e me paecerá vileza. Assim quero-lhe dizer, que me sobejaraõ dezasseis vintens, e assim como aquelle, que me deo, foi para eu comprar os vestidos, que lhe disse, e nada mais, assim lhe quero restituir os dezasseis vintens.

Gonç. Por essa não esperava eu. Não aceito similhante ninharia.

Sang. Certamente não os quero possuir: são teus, e V. m. ha de aceitá-los.

Gonç. Eu não consinto em tal: espera: servem-te para pagar o feitiço dos vestidos.

Sang. Falei com o alfaiate, e me disse, que para os feitiços precisava tres mil, e duzentos, e este dinhei-

ro não chega, e por isso o restituo: quando eu os tiver mandarei fazer os vestidos.

Gonç. Pois não fará isso por menos?

Sang. Talvez que sim; mas se à pouco.

Gonç. Sempre o fará por meia moeda.

Sang. Verei, se o faz.

Gonç. Tu não tens tres mil, e duzentos?

Sang. Certamente que não.

Gonç. Pois aqui tens quatro cruzados novos, e oito vintens, com os dezasseis faz meia moeda, com ella paga es feitiços.

Sang. Dinheiro, só por ter dinheiro, não o quero; mas como elle he para o empregar em coiza de seu gosto, não quero ser impolitica em desprezar o teu favor.

Gonç. Linda Sanguixuga, já não sei a hora, em que te hei de ter por mulher. *Com ternura.*

Sang. Pelo que?

Gonç. Porque tu, e eu servindo em huma caza opulenta, com bom modo a despejavamos de todo.

Sang. Não quizera, que V. m. crescesse . . . .

Gonç. Que hei de crer? creio o que muito me agrada crer. Aqui tens mais dezasseis tostoens.

Sang. Se os aceito, he por não ser descortez.

Gonç. Dou-tos de muito boa vontade; porque te estimo, e porque te amo, e porque . . . Mas não me quero demorar neste discurso, á noite fallaremos. Agora necessito do teu valimento para coiza da minha obrigação.

Sang. Mande-me; porque estou ás ordens de V. m.

Gonç. Agora verás a confidencia, que de ti faço em te descobrir os meus segredos: toma estas duas chaves:

esta he do celloiro : em quanto eu vou dar ordem ao que me he percizo para esta noite, chama oito, ou dez homens, e faze, com que de pressa mudem o trigo daquelle para o meu celloiro, e eu chegarei a tempo de te acompanhar, e pagar aos homens.

*Sang.* Com licença, eu não quero com este facto incorrer em alguma má suspeita.

*Gonç.* Não tem perigo : sabe, que meu amo quer vender o trigo precipitadamente, e eu compro-lho por lhe fazer este beneficio.

*Sang.* E como V. m. lho pagará caro?

*Gonç.* Certamente, que lhe dou mais, que outrem lhe havia de dar.

*Sang.* Pois eu não me agrado disso : se eu fora sua mulher, havia de ser mais seguro nos seus negocios : e quando não comprasse com grande avanço, não havia de consentir, que empregasse o seu dinheiro com risco de haver perda.

*Gonç.* Muito me agradao essas maximas. Eu te digo de baixo de segredo, que ninguem nos ouça, pago-lhe o trigo por menos a terça parte do seu justo valor, e estou seguro, que nelle hei de ganhar hum bom par de moedas.

*Sang.* Agora conheço a grande fidelidade, que guarda a seu amo.

*Gonç.* Tu me reprehendes?

*Sang.* Não ha tal, antes louvo esse seu zelo.

*Gonç.* Com que deixo ao teu cuidado esta diligencia, para que seja bem feita: se os criados de caza, ou os vizinhos te perguntarem o motivo desta mudança do trigo, dir lhe-has, que eu . . . .

*Sang.* Com que está V. m. digo-lhes, que o celloiro de caza está cahindo,

e que por esse motivo se despeja.

*Gonç.* Optimamente : pois com licença.

*Sang.* Venha de pressa.

*Gonç.* Já venho : dá cá essa maõzinha de nata.

*Sang.* E para que a quer?

*Gonç.* Para nella te imprimir hum signal do meu amor.

*Sang.* Sim? ahi tem : olhe, como está bonita sem hum anel. *Desprezando-o.*

*Gonç.* Terás ancis, terás pulseiras, terás tudo : o ponto está, que me queiras bem. *Vai-se.*

*Sang.* Por esse motivo estou certa, que nada terei ; mas em lugar do amor tenho huma tal arte, que nas occasioens muito me favorece. O Senhor Mordomo cada vez mais vai arruinando a meu amo, e por mais finezas, que me faça, conheço, que elle tem humas taes habilidades, que algum dia me haõ de fazer chorar. Do amo tenho grande compaixão, e certamente hei de avizallo só para o livrar das garras desta harpia. Mas meu amo he hum cabeça de vento, não me ha de dar credito . . . . porem . . . . Porém muito bem, Senhora Sanguixuga : assim promette ajudar a Gonçalo, e agora o quer arruinar ! mas a consciencia me obriga a que descubra a verdade. Ora eu quero fazer huma acção heroica : vou mudar o trigo ; mas as chaves sempre na minha algibeira, e daqui mais a dois, ou tres dias o digo a meu amo . . . . Mas que tiro eu disso ? as acçoens heroicas não se obraõ por interesse ; porém eu sou tão amiga de quem me convida, que me não sei determinar neste cazo. Está bem : Gonçalo desta vez não se ha de aproveitar tão vilmente

te dos bens de meu amo: além de que se o Senhor Cezar ha de perder no trigo, neste cazo vou-me aconselhar com quem o faiba, para ver, se eu licitamente me posso aproveitar daquella terça parte, que o Senhor Mordomo lhe quer usurpar.

## S C E N A III.

*Carrapato, e a dita.*

*Car.* **C**Om que, menina, tornando ao nosso negocio.

*Sang.* Que negocio?

*Car.* Daquellas moedas, as quaes ainda não conheço.

*Sang.* Vem cá, Carrapato, a quem eitimas tu mais, a quatro moedas, ou a huma mulher, que te quer bem?

*Car.* Conforme as occazioens: humas a mulher, em outras as moedas.

*Sang.* Deves attender, que as moedas te gastaõ, e a mulher sempre dura.

*Car.* Pois era muito melhor, que as moedas sempre durassem, e que a mulher acabasse de pressa.

*Sang.* Porque dizes isto?

*Car.* Porque a mulher come, e as moedas dao de comer.

*Sang.* Muito bem: tens grande animo: já vejo, que me deixarás por dinheiro.

*Car.* Ponto, e virgula: eu não fallo de ti.

*Sang.* Fallaste em mulheres, e basta.

*Car.* Pois tu és mulher? até agora te tinha por huma rapariga.

*Sang.* E não se engana nisso.

*Car.* Então . . . .

*Sang.* Então já percebo, que és hum innocente, e não quero formalizar-me das tuas palavras: toma estas chaves.

*Car.* E que hei de eu fazer com ellas?

*Sang.* Has de abrir os celleiros, e a

judar a tirar o trigo do nosso amo para o celleiro do Mordomo.

*Car.* Não sei, se tu sabes de hum ajuste, que eu tenho feito com elle.

*Sang.* E que ajuste he esse?

*Car.* He de trabalhar, quando eu quizer.

*Sang.* Isto não o deves fazer pelo Mordomo, mas a meu respeito.

*Car.* O trigo he teu?

*Sang.* Sim, he meu, e ha de servir para o meu dote: e se Carrapato fizer estimação de mim . . . .

*Car.* Basta: vou já correndo: como he de Sanguixuga, não só o trigo, mas se for preciso, mudarei tambem o celleiro: com o Mordomo celebrei hum pacto tacito de não trabalhar, mas comtigo farei hum expresso de trabalhar de dia, e de noite até rebentar, quanto tu quizeres. *Vai-se.*

*Sang.* E eu já fiz hum pacto, em que assentei comigo de trazer como por cabresto os homens, ainda que elles não queiraõ. *Vai-se.*

## S C E N A IV.

*Camara.*

*D. Clara, e Octavio.*

*Clar.* **Q**ue vos parece, irmã, esta grande novidade? quem havia de ser, que o Senhor Leandro por mim era apaixonado.

*Octav.* O excesso, com que frequentava a vossa caza, sendo ainda vivo meu cunhado, dava, que suspeitar a muitos, que vinha a vosso respeito.

*Clar.* Eu sempre o tive por hum intimo amigo de meu marido.

*Octav.* Querida irmã, quem frequentava a caza, onde ha hum marido velho, e a mulher moça, persuade a que quer mais á mulher, que ao homem.

*Clar.* Se tal considerára, o não consentiria em tempo de cazada, e muito menos agora depois de viuva.

*Octav.* Porque? não vos tratou elle sempre com muita attençaõ?

*Clar.* Assim he; porém tenho-lhe tal averiaõ, que o não gosto.

*Octav.* Na vossa mão está o defenganallo.

*Clar.* Já cuidei no modo de o fazer.

*Octav.* Fallai-lhe defenganadamente.

*Clar.* Com elle não quero conversar seriamente neste particular; porém eu o farei comprehender, que comigo inutilmente gasta o seu tempo, correspondendo com finezas a Cezar: e se elle tiver o atrevimento de mo estranhar, responder-lhe has de forma, que outra vez não tenha tal rezoluçaõ.

*Octav.* Estimo, que já estejais inclinada ao Senhor Cezar.

*Clar.* Elle o merece; mas nem por isso cegamente me quero pôr no risco de me arrepender, quando não houver remedio. Que tendes alcançado do estado da sua caza?

*Octav.* Ouço fallar com diversidade: huns o fazem pobre, outros rico: huns louvaõ a sua generozidade, outros o condemnaõ por prodigo: verdade he, que tenho ido á cozinha, e prezenciando hum grande apparatus, e isto não se faz sem dinheiro.

*Clar.* Eu ouvi dizer, que elle tem dinheiro, mas que o gasta superfluaamente: hoje ha de vir visitar-me huma sua irmã, com quem tive grande amizade em Lisboa antes de cazada; quero com ella declarar-me, e....

*Octav.* Ahi vem o Senhor Leandro.

*Clar.* Farei, com que se vá: não perderei instante em lhe dar motivo para isto,

*Octav.* Não façamos despropósitos; uzai da vossa prudencia: elle não ha de ir sem nós.

*Clar.* E que grande mal pode dahi resultar?

*Octav.* Nenhum; mas eu não o hei de consentir.

## SCENA V.

*Leandro, e os ditos.*

*Leand.* **P**osso entrar, meus Senhores?

*Octav.* Meu amigo, he escuzado pedir licença.

*Clar.* Com effeito entre nós se tratava agora de hum domestico particular.

*Leand.* Pois ir-me hei embora.

*Octav.* Não, deixe-se' estar; que já o tinhamos concluido.

*Leand.* Parece-me, que a Senhara D. Clara já me não gosta.

*Octav.* Engana-se; que minha irmã ainda o estima conforme o seu merecimento.

*Leand.* Que V. m. diga isso, he effeito da sua boa amizade; porém a Senhara não está de animo de o confirmar.

*Clar.* Seria admiravel a sua virtude, se com tanta facilidade conhece os interiores das pessoas.

*Leand.* Pelos signaes' externos se conhecem os internos.

*Clar.* E que signaes' descobre em mim, qua lhes parecem contrarios á sua boa intençaõ?

*Leand.* Em outras occasioens, minha Senhara, quando tinha a honra de chegar á sua presença....

*Octav.* Ora baste: (atalhemos este discurso) vio o Senhor Cezar? está já mais desapaixonado? *A Leandro.*

*Leand.* Já lhe disse huma, e muitas vezes, que era superfluo perder pala-

palavras com aquelle louco.

*Clar.* Senhor Leandro, muito se adianta V. m. em descompor hum homem de bem.

*Leand.* Perdoe, minha Senhora; que não a advertia, que elle estava de baixo da sua protecção.

*Clar.* Não estou em estado de ser protectora: podia reflectir, que me devia tratar com mais attenção.

*Octav.* He forte coiza, que de tudo vos haveis de infasliar! isso em vós he ignorancia.

*Clar.* Ao menos attendesse o Senhor, que estando nesta caza comendo, e bebendo, e divertindo-se, lhe não devia perder o respeito.

*Leand.* Entendo a reprehensão, alliviarei esse incommodo ao Senhor Cezar, e a tristeza á Senhora D. Clara.

*Clar.* (Muito o estimarei, se o fizer.)

*Octav.* Pois á manhã nos iremos; mas hoje si ficemos em paz, se poder ser. Ah! vem o Senhor Cezar: peço-vos por cortezia, que uzeis de prudencia; que será por pouco tempo.

*Clar.* (Só por desprezar Leandro, quero fazer finezas a Cezar.)

## SCENA VI.

*Cezar, e os ditos.*

*Cez.* **P**erdoai-me, Senhores, a demora; porque o cozinheiro tem andado esta manhã mui perturbado; mas logo jantar-emos.

*Clar.* Não vos mortifique esse cuidado; porque o nosso gosto he só gozar da vossa inestimavel companhia.

*Cez.* Essa expressão, Senhora, he tão deliciosa, que me confunde.

*Octav.* Hoje participaremos desse favor, e á manhã nos iremos embora.

*Cez.* Taõ cedo, Senhor Octavio, muito me mortifica: Senhora D. Clara, he possivel, que taõ de pressa me queirais deixar?

*Clar.* Eu não sou desse parecer; mas tendo meu irmão negocio de suppozição . . .

*Cez.* Senhor Octavio, por esta semana fazei-me esta honra.

*Clar.* Meu irmão he compadecido, não ha de dizer, que não.

*Leand.* Ficará o Senhor Octavio, e a Senhora D. Clara, e basta, que eu me vá.

*Cez.* Entendo, que tem algum negocio de importancia em Lisboa, que se não poderá demorar. *Para*

*Leandro.*

*Leand.* Certamente, que tenho muito, em que cuidar.

*Cez.* Nessa parte faça o que quizer: não se podem deixar negocios por divertimentos.

*Leand.* Aproveitar-me-hei do conselho do Senhor Cezar, e da tacita persuasão da Senhora D. Clara.

*Clar.* Senhor Cezar, aonde esteve até agora?

*Cez.* Estive cuidando nas coizas da minha caza, nos meus criados; que quem quer ser bem servido, ha de vigiar, que não estejaõ ociozos.

*Octav.* Ellas maximas são de quem tem governo.

*Clar.* O Senhor Cezar he cheio de attenção, e de genio muito agradavel.

*Cez.* Senhora, não me envergonheis: eu não tenho esses merecimentos. (Nunca me fallou com tal modo.)

*Leand.* A Senhora D. Clara nunca foi prodiga dos seus louvores: conveny dizer, que o Senhor Cezar tem hum merecimento extraordinario.

*Clar.* Senhor Cezar, quando nos formos para Lisboa, não nos haveis de acompanhar?

*Cez.*

**Cez.** Se mereço tanto favor, o terei em grande honra.

**Octav.** A boa companhia faz a jornada menos penosa.

**Leand.** E para que esta se não prejudique com hum objecto fastidioso, eu partirei primeiro, que os Senhores.

**Clar.** Esta noite, Senhor Cezar, em que nos havemos de divertir?

**Cez.** Gostais de ver dançar, Senhora.

**Leand.** A Senhora D. Clara com tudo se diverte, e principalmente em responder com manifesto desprezo a quem a trata com toda a attenção.

**Cez.** Eu a não considero com esse character.

**Octav.** Minha irmã sempre foi muito atreccioza.

**Clar.** E o Senhor Leandro sempre foi hum sujeito mui benemerito; porém não sei, que tem, que tanto o inquieta.

**Leand.** A presença do Senhor Cezar me fez perder todo o merecimento, que tinha adquirido.

**Cez.** Como não entendo o que diz, não fico responsavel da resposta.

**Clar.** O Senhor Leandro falla, como oraculo.

**Leand.** Nasceo a minha desgraça para com a Senhora D. Clara no instante, em que generosamente a aconselhei, que lhe não era licito accitar a dívida de hum anel.

**Clar.** Tambem esse discurso muito me offende: muito máo conceito fazeis de mim.

**Cez.** Se offereci hum anel á Senhora D. Clara, ignorava V. m. a intenção desta offerta?

**Octav.** Aquella offerta foi huma honnesta attenção do Senhor Cezar. (Vamos finalizar este argumento.)

**Clar.** Bem o posso accitar sem offender o meu decoro.

**Cez.** (Esta bem feito, que agora,

que o não tenho, mo pedisse.)  
**Clar.** Senhor Cezar, para mostrar ao Senhor Leandro, que não dependo mais que de mim mesma, faça-me a mercê daquelle anel.

**Cez.** (Desgraçado de mim! que fiz eu?) Minha Senhora, não me parece justo...

**Clar.** Hide-o buscar; que eu o espero.

**Cez.** Considerarei, Senhora, que aquelle anel não era digno da vossa pessoa: se me dais licença, eu vos vou buscar outro melhor.

**Clar.** Ha de ser o mesmo.

**Cez.** (Em grande contuzaõ estou pelo meu bom genio.) Precizo, Senhora, dizer-vos a verdade: eu já não tenho aquelle anel.

**Clar.** Pois como? não affirmastes, que era meu?

**Cez.** Assim o disse; porém huma forgoza occaziaõ....

**Leand.** Sim, o generorissimo Senhor Cezar para obsequiar a Senhora D. Clara com huma pompoza cêa, e com hum baile estrondoço, achou a occaziaõ de vender o anel, assim como tem feito aos mais bens da sua miseravel caza. *Vai-se.*

**Cez.** Na minha presença tem esse atrevimento? *Quer seguillo.*

**Octav.** Esperai: para que he esse furor? ou he, ou não he verdade aquillo, que disse o Senhor Leandro.

**Cez.** He huma pura falsidade.

**Clar.** Pois onde tendes aquelle excellento anel?

**Cez.** Tenho bom coração, e vos confesso a verdade. Veio-me de Lisboa o meu Procurador, trouxe-me huma boa noticia da minha cauza, e de alviçaras lhe dei o anel.

**Octav.** Muito generoso sois.

**Clar.** E he todo o seu defeito: todo o mundo sabe o vosso miseravel estado; sois prodigo sem esperança de con-

convalecer desta loucura: por huma simples noticia, que pode ser inutil, dais seguramente hum anel, exquecendo-vos de que o tinheis offerecido a pessoa, a quem muito estimaveis: até aqui chega o excesso da vossa paixão, que tanto vos tem aniquilado, e reduzido á ultima miseria. Bem vejo, que vos fallo com muita liberdade; porém não posso deixar por ultimo de vos dizer, que estimo o vosso merecimento, que venero a vossa caza, que adoro a vossa pessoa; mas que este vosso genio me impossibilita a fazer-vos Senhor do meu amor, e da minha estimação.

*Vai-se.*

*Clav.* Minha irmã deo a sentença, e eu cordialmente a confirmo. *Vai-se.*

*Cez.* Principiarei hoje a deixar de ser generoso: todos me reprehendem, e desprezão: porém esta reprehensão da Senhora D. Clara de que nascerá! de amor? se nasce de amor, he fundada em razão, e com razão mostra, que eu até agora me tenho esquecido de mim, e distribuindo deste modo os meus bens, em lugar de me fazer benemerito, me constituio hum objecto de compaixão: tudo me parece pouco para gastar: de todas as admoestaçoens, que tenho tido, esta da Senhora D. Clara se me fez mais sensível: ella me obriga a deixar este excesso: farei muito por lhe agradar de forma, que offerecendo-lhe a minha mão, não recuze aceitalla. Faça-se embora a cêa: esta noite seja tudo completo: o trigo já estará vendido: pagar-se-ha o que se gastar: e com o resto entrarei a ser poupado. Será isto assim? ainda muito o receio:

*Vai-se.*

## SCENA VII.

*Camara.*

*D. Clara, e depois Julio.*

*Clar.* **C**onfesso, que eu mesma comi he, e me dá especie de ingratidão para com Leandro; porém tanto interiormente huma repugnancia, que me prohibe amallo, a que se pode dar o nome de destino: pelo contrario a Cezar, que talvez mereça menos, tenho huma inclinação inexplicavel. Sei tambem, que não posso ser constrangida a precipitar-me com hum mancebo perdulario; porém não chego a escolher outro, esperando sempre, que Cezar mude de condição.

*Jul.* (Eis aqui humas das que concorrem a estragar os bens de meu cunhado.) *Olhando para ella.*

*Clar.* (Quem será este sujeito, que o não conheço?)

*Jul.* (Estou quasi rezoluto a dizer-lhe aquillo, que ella merece.)

*Clar.* (Olha para mim sem me cortejar.)

*Jul.* (Vejaõ, como o meu dinheiro he bem gasto!)

*Clar.* (Muito olha para mim: estará tambem namorado?)

*Jul.* (Eu lhe fallo; mas não sei, se me poderei conter. *Vai para ella.*)

*Clar.* (Parece-me, que me quer fallar; mas não se rezolve: quero animallo.) Sou criada de V. m.

*Jul.* A's sua ordens. (Bem se dá a conhecer pelo seu desembarço. \*)

*Clar.* (Mui timorato he este: he daquelles, que só de si se enamoraõ.) Perdoe-me V. m.: he destas vishanças?

*Jul.* (Que atrevimento!)

*Clar.*

*Clar.* (Coitadinho! nem animo tem de responder.)

*Jul.* Vós, Senhor, estais em caza do Senhor Cezar?

*Clar.* Sim, meu Senhor.

*Jul.* Muito bem: ha de dilatar-se muito tempo?

*Clar.* Quinze dias.

*Jul.* Estimo. ( Desta vez totalmente o arriua.)

*Clar.* (P. rece-me, que se consola.)

*Jul.* É ha muito tempo, que com elle tendes amizade?

*Clar.* Não ha muito.

*Jul.* Sabeis o estado, em que se acha?

*Clar.* Parece-me, que está de saúde.

*Jul.* ( Bem percebo: quer delacreditalo. Agora mais confirmo o meu conceito: quer-se introduzir comigo.)

*Jul.* ( He justo, que a informe, para que o deixe mais cedo ) Já sabeis, que este desgraçado não tem, com que se sustentar.

*Clar.* Eu não estou informada dos seus teres.

*Jul.* Pois eu vos informarei.

*Clar.* Não he necessario, que tomeis esse trabalho.

*Jul.* Antes he muito; porque se del- le esperais alguma coiza, perdeis o tempo!

*Clar.* Agradeço-lhe esta advertencia; porém eu não tenho agora tenção de me cazar.

*Jul.* Disso estou eu persuadido.

*Clar.* Para que fim me fallais do Senhor Cezar deste modo?

*Jul.* Por compaixão, e talvez que tambem por minha conveniencia.

*Clar.* ( Estou vendo, se se declara.)

*Jul.* Conheço, que sois discreta; razão, por que tomei a liberdade de vos fazer esta advertencia: attendei ao que convem; que melhor vos se á.

*Clar.* ( Quero experimentar, se des-

cobre o seu intento. ( V. m. vai cedo para Lisboa? )

*Jul.* Talvez que esta tarde, ou á manhã; porque?

*Clar.* Porque quando me fosse, que- ria gozar da sua companhia.

*Jul.* ( Que tal? com-panhies para lhe pagar a passagem. ( Duvido, que vos possa servir; porque tenho humá mulher muito zelosa.

*Clar.* ( He cazado! que pertenderá? )

*Jul.* ( Não gostou de me ouvir. )

*Clar.* O convidallo foi cortezia; que eu não precizo de companhia; pois hei de ir com a mesma, com quem vim.

*Jul.* E quem he essa companhia?

*Clar.* Pois imaginava, que tinha vin- do só?

*Jul.* São por ventura dois sujeitos, que vi em caza do Senhor Cezar?

*Clar.* Esses mesmos; hum he meu ir- mão, e outro meu primo.

*Jul.* Irmao, e primo! ainda que o não seja, não importa.

*Clar.* Or e estylo de fallar he esse? quem cuida V. m. que eu sou? *Alterada.*

*Jul.* Não sei, quem sois, nem o per- tendo saber: só vos digo, que o Se- nhor Cezar está perdido, e não he justo, que vós o acabeis de perder.

*Clar.* Quem he V. m., que com esta liberdade me falla?

*Jul.* Sou inte-essado na sua caza, e vendo-o assassinar. . . . .

*Clar.* Muito me admiro desse perulan- te modo de fallar com as mulheres de bem, como eu sou: o Senhor Cezar he intimo amigo de meu ir- mão, e. . . . .

*Jul.* Todo o anno encontro mulheres nesta quinta cubertas com esse manto de honestidade.

*Clar.* Eu lhe mostrarei quem sou, e olhe, que mo ha de pagar.

*Jul.* Se fizer motim, succeder-lhe-ha peor.

## SCENA VIII.

D. Brites, e os ditos.

*Brit.* S'enhora D. Clara.*Clar.* S'nhora D. Brites.*Jul.* (Que he isto? são conhecidas?)*Octav.* Dizei, quem eu sou a este homem incivil, temerario, e imprudente.*Brit.* Vós não o conheceis?*Clar.* Não.*Brit.* Pois he meu marido.*Clar.* Vosso marido, cunhado do Senhor Cezar?*Jul.* Quem he esta Senhora? *A Brites.**Brit.* He huma Senhora de bem, a quem conheço de menina, e que não vejo, desde que cazei; porque me trouxestes para a quinta. *A Julio.**Jul.* Senhora, perdoai-me.*Clar.* Dizei-me sinceramente, que vos pareci eu?*Jul.* Dispentai-me de descobrir os meus juizos temerarios: meu cunhado ainda está solteiro, e vós aqui não me parecistes bem.*Clar.* Em companhia de meu irmão não se pode suspeitar mal.*Brit.* He o Senhor Octavio?*Clar.* Sim, elle, e hum primo de meu marido; e o vosso teve a rezoção.....*Jul.* Segunda vez vos peço perdão, e o ter parente de Cezar me obrigou a este excessõ, e ter-lhe emprestado....*Brit.* Não falleis em coiza, que á Senhora não pertence.*Jul.* Que? justificar-me....*Brit.* Não he esse o modo de o fazer.*Jul.* Sim he, Senhora; emprestei-lheo meu dinheiro, e vejo Cezar impossibilitado de mo poder pagar: esta consideração me desespera. *Vai-se.**Brit.* Não vos admireis de meu marido, porque he muito avarento: a rogos meus emprestou algum dinheiro ao cunhado, e receia perdello; porém não ha de tal succeder; porque meu irmão he cheio de honra, e está vencendo huma demanda, que com ella indireita a sua caza.*Clar.* Louvo, amiga, o amor, que mostrais ter a vosso irmão: estimai-o ver-vos; porque ha annos, que não tinha esta felicidade: vede, em que vos posso servir; porque eu esta tarde, ou á manhã me vou para Lisboa.*Brit.* Se vos auzentais por cauza da imprudência de meu marido, desfargai-o: deixai-vos estar: eu também ficarei, e não me priveis da vossa amavel companhia.*Clar.* Não, querida amiga, agora conheço o mal, que fiz.*Brit.* Porque?*Clar.* Porque vosso irmão, he o discredito do mundo.*Brit.* Muito vos enganais: rem só hum defeito: conserva huma prodigalidade nascida do seu bom genio: elle he docil, e domavel: crede-me, que se cazasse com huma Senhora de juizo, que esta o havia de emendar.*Clar.* E quem se ha de aventurar á vista do seu inveterado costume?*Brit.* Eu, e vós brevemente o emendaremos.*Clar.* O amor proprio vos lizonjêa.*Brit.* Ora em confidencia, e peja boa amizade, que sempre conservamos, dizei-me, tendes-lhe alguma inclinação?

*Clar.* Não he pouca, se o não conhecera bem para estar defenganada.

*Brit.* Não tendes disso arrependimento: elle se fará merecedor do vosso amor.

*Clar.* O vicio já está radicado, e com difficuldade se poderá dissipar.

*Brit.* Pois experimentaremos.

*Clar.* Não tendes medo.

*Brit.* E-o ahí vem.

*Clar.* Mizaravel mancebo! que desgraça ter tão pouco juizo!

*Brit.* Vós lho podeis dar.

*Clar.* Não me faça elle perder o que eu tenho.

### S C E N A IX.

*Cezar, e as ditas.*

*Cez.* ( **C** A' está D. Clara: eu me envergonho per cauza do anel.)

*Brit.* Vinde, meu querido irmão; que a Senhora D. Clara vos espera.

*Clar.* Não digo, que me desagrada; porém não o esperava com o despejo, que imaginais.

*Cez.* ( Ninguém melhor que minha irmã me podia valer, se quizesse.)

*Brit.* Não o mortifiqueis. *A D. Clara.* Chegai. *A Cezar.*

*Cez.* Irmã, com licença da Senhora D. Clara dai-me huma palavra.

*Brit.* Com licença. *A D. Clara.*

*Clar.* Estai ao vosso gosto?

*Brit.* Que quereis? *A Cezar.*

*Clar.* ( Sinto hum não sei, que em Cezar, que me podia obrigar a attendello: melhor será, que eu me vá. )

*Cez.* ( Tendef-me feito tantos favores, e agora me haveis de fazer mais este. )

*Brit.* ( Se me pede o anel, que dirá meu marido, vendo-me sem elle? )

*Clar.* ( Recommendará á irmã, que me fale; mas se não mudar de vida, não temos nada feito. )

*Cez.* ( Esta he a ultima coiza, que vos peço: este anel pode ser a minha fortuna, e sem elle dese pero. )

*Brit.* ( Não sei, que vos diga: he tão grande o amor, que vos tenho, que ainda que meu marido ralhe, ahí o tendes. )

*Cez.* ( Seja de forma, que D. Clara o não perceba. )

*Brit.* ( Sim, tomai-o. )

*Clar.* ( Muito converlaão. )

*Brit.* ( Se o Cez permitisse, que D. Clara fosse vossa consorte! porém deveis mudar de vida )

*Cez.* ( Verei, se pode ser. )

*Brit.* Aqui estou, perdoai-me a demora.

*Clar.* Tratai do vosso negocio; que eu não pertendo perturbar-vos.

*Brit.* Consol-me meu irmão, que sabe distinguir os merecimentos, e julgar com justiça.

*Clar.* A que proposito dizeis isso?

*Brit.* Digo-o pela justa estimação, que faz de vós.

*Clar.* Tambem vos podeis enganar.

*Cez.* Não, minha Senhora, conheço o vosso merecimento, e despejo mostrar o quanto vos estimo.

*Clar.* Mas já experimentei o contrario.

*Cez.* ( He pique ao anel: quero-lhe dar este, mas sem que minha irmã visse. )

*Brit.* Meu irmão me disse, que estava determinado a mudar de vida, e de genio.

*Clar.* Promessas difficiltozas de se cumprirem.

*Cez.* Quando hum homem de bem chega a prometter, sustenta o que promette.

*Clar.* Muitas vezes promette, e não sustenta.

*Cez.*

*Cex.* (Outro pique sobre o anel.)

*Brit.* Delta vez fico eu por meu ir-  
mao.

*Clar.* Ignorais o proverbio, que quem  
fica por fiador, fahe pagador?

*Cex.* Bem está: se eu faltar, pagará  
minha irmã por mim.

*Clar.* Que me poderá ella dar por  
vossa contra?

*Cex.* Nada, que seja bom.

*Clar.* Porque?

*Cex.* Porque em mim se fia.

*Clar.* Não he pessoa, em que me  
possa fiar.

*Cex.* ( Tudo he pelo anel. ) Irmã,  
fazei-me o favor de ir ver esses  
criados, que fazem; que ainda nos  
não chamão para a meza.

*Brit.* Sim, eu vou: ( quer ficar só  
elle. ) Amiga, tratai meu irmão com  
amor. *Vai-se.*

*Clar.* Não merece compaixão hum  
homem, que se deixa levar do seu  
capricho: que despreza os bons con-  
selhos: e que não sabe sustentar o  
que promette.

*Cex.* Perfeitamente entendo o que que-  
reis dizer: mereço ter reprehendi-  
do: e vos peço perdaõ de vos ter  
deigostado: aquelle anel . . . .

*Clar.* A mim não me importa o anel.

*Cex.* Sei, que vos não importa; mas  
e le era vosso, e eu não devia dispõr  
delle; porém se o fiz, foi, porque  
considerando-o melhor, vi, que era  
insufficiente . . . .

*Clar.* Não fallemos mais no anel.

*Cex.* Eu devo nelle fallar para vos  
mostrar o meu fundamento: aqui  
está este, que he muito melhor,  
e decente á vossa pessoa: peço-vos,  
que o aceiteis.

*Clar.* Não acabareis isso comigo; se

recuzei o outro, com maior razão  
devo recuzar esse.

*Cex.* O outro já o daveis por aceito.

*Clar.* Se vos disse, que o guardasseis,  
foi por vos comprazer, e não o  
aceitei.

*Cex.* Mas depois mo pedistes.

*Clar.* Foi por hum capricho; porém  
não o havia de guardar.

*Cex.* Sei, que de mim vos quereis vin-  
gar; porém peço-vos por mercê,  
que tenhais a bondade . . . .

*Clar.* Não o aceito: não tendes, que  
vos cançar; que he tempo per-  
dido.

*Cex.* Fazeis-me injuria.

*Clar.* Tomai-o, como vos parecer,  
e não temais, que o aceite.

*Cex.* Se o não accitais, sou capaz de  
o lançar nelle mar.

*Clar.* Não ha de ser a primeira lou-  
cura, que fazeis.

*Cex.* Pois que hei de fazer deste anel?

*Clar.* Fazei o que quizerdes.

SCENA X.

*Sanguisuga, e os ditos.*

*Sang.* Senhores, já o jantar está na  
meza.

*Cex.* Toma este anel, que to dou  
eu. *Dá o anel.*

*Sang.* Obrigadissima a sua mercê.

*Clar.* Cada vez mais daís a conhecer,  
que sois hum louco. *Vai-se.*

*Cex.* (Sinto-me arder em colera! Mas  
que fiz eu? a esta he que dei o  
anel? pois já agora não tem reme-  
dio: o que está feito, está feito:  
o que huma vez dou, não o torno  
a pedir.) Anda, que és afortuna-  
da. *Vai-se.*

Comedia nova

SCENA XI.

*Sanguixuga, e depois Julio.*

*Sang.* **D**Ar-me hum anel de diamantes! porque motivo? Seraõ diamantes? receio, que não: feraõ alguns vidros; que se fossem diamantes, elle não mo dava.

*Jul.* Minha mulher não estava aqui?

*Sang.* Não, Senhor: já foi para a meza, para onde tambem V. m. pode ir.

*Jul.* Sem me dizer nada!

*Sang.* Agora o mandou chamar a caza. Diga-me, Senhor, V. m. en-

tende de diamantes?

*Jul.* Pouco: quês vender alguma coiza?

*Sang.* Veja-me, se as pedras deste anel são finas.

*Jul.* Sim, são muito boas. (Este anel he de minha mulher.) Quem te deo este anel?

*Sang.* Ainda agora mo deo o Senhor Cezar.

*Jul.* Este anel he meu: dize áquelle louco, que quando der, dê o que for seu. *Vai-se, e leva o anel.*

*Sang.* Bem queria eu dizer, que elle não era para mim: maldirá seja a minha desconfiança, que mo fez mostrar, que tantas laudades me deixa. *Vai-se.*

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

*Cezar, e Gonçalo.*

*Cez.* **D**Eixa-me, Gonçalo: tenho tal paixão, que me devo-

ra.

*Gonç.* Fez-lhe mal o jantar?

*Cez.* Veneno, rozalgar foi o que comi.

*Gonç.* Pois que tem V. m.?

*Cez.* Se sonhasses . . . mas melhor he callar. Sou desgraçado: trato bem a todos, e a mim me trataõ mal. A' meza daqui hum mostrava má cara: dacolá outro se ria: minha irmã enfadada, não sei porque: meu cunhado bravo, como hum leão: Leandro me olhava com olhos de bazylico: D. Clara não olhou para mim: só Octavio não tirou os olhos do prato, e comeo como lobo, e por ultimo me fez huma faude.

*Gonç.* Queria fallar no trigo . . .

*Cez.* Tenho mais, em que cuidar, que no trigo.

*Gonç.* Quero-lhe dizer, que já tenho comprador.

*Cez.* Não estou com cabeça para isso: depois de vendido fallaremos.

*Gonç.* Já está vendido.

*Cez.* Sim? estimo: onde está o dinheiro?

*Gonç.* Tenho hum pouco á conta.

*Cez.* Dá-o cá de pressa.

*Gonç.* Façamos primeiro contas.

*Cez.* Agora não estou para contas: dá-me, ainda que pouco, e á noite, ou pela manhã as faremos.

*Gonç.* Se quer dez moedas, que aqui tenho . . . .

*Cez.* Dá-mas de pressa.

*Gonç.* Aqui as tem, e depois verá o rol.

*Cez.* Esta noite no baile consentirei, que joguem, e ainda que não lei jogar, emprestarei algum dinheiro áquelle, que perder; pois dezejo beneficiar a todos.

*Gonç.*

**Gong.** Depois não restituem o emprestimo, e por fim se perde hum amigo.

**Cez.** Quantas dessas me tem succedido? Não importa: assim me dou a conhecer: espero vencer este pleito: com moedas mais, ou menos para mim he o mesmo.

**Gong.** Isso digo eu. (Por isso me aproveito sem rezeira, já que desperdiça o que he seu.)

**Cez.** Nesta noite seja completa esta função: vé o que falta, e não repares em gastos.

**Gong.** Como quer que seja a cêa?

**Cez.** Fazela o que quizeres: eu não quero enlouquecer: lá te avém.

**Gong.** Porém se diz, que todos estão enfadados, pouco divertimento haverá.

**Cez.** Assim, assim os hei de obrigar: a Senhora D. Clara vendo os excessos, que faço por divertilla, se mostrará mais benigna: dos mais não faço cazo: Vai ver, se falta alguma coiza, e compra tudo, ainda que seja a pezo de dinheiro.

**Gong.** Desta vez já vai de prestio o producto dos vinte moios de trigo.

**Cez.** Não me cauzes mais mel-não-lia; que já estou malancolico quanto basta. A' noite vem o Doutor Gaspar com a feliz noticia da posse do meu morgado, e ainda que se gaste, quanto elle rende, e muito mais, tudo dou por bem em pregado, só por alcançar os favores da Senhora D. Clara.

**Gong.** Não tenho mais, que esperar: já entendo: vá muito embora tudo pela agua a baixo, com tanto que me fiquem as mães untadas com maior porção. *Vai-se.*

**Cez.** Não sei, que genio he este de D. Clara: tenho praticado muitas

Senhoras, e sempre observei, que as dadas as obrigavao, e rendiao: esta he pelo contrario: ou ella he muito simples, ou muito diferente das mais. Hoje o experimentarei, para o que me valerei da protecção de minha irmã; mas ella parece, que está contra mim: fallou com seu marido em segredo, e ficaram conjurados. Não sei, que diga! sou infeliz: tenho nesta vida feito bem a tantos, e ainda não encontrei hum amigo leal, e verdadeiro.

## S C E N A II.

Ottavio, e o dito.

**Ottav.** **S**enhor Cezar, infinitamente vos agradeço as finezas, que nos fizestes: perdoai o incommodo, que vos demos: e prestai-nos as vossas ordens, para pontualmente as executarmos.

**Cez.** Que he isso? quereis-vos ir?

**Ottav.** Minha irmã se quer ir esta tarde, e vou dar ordem ao escaler.

**Cez.** Que prestio? que novidade foi esta?

**Ottav.** Sabei, que as mulheres, emprehendendo huma coiza, não cedem sem a executar: como o disse, não ha outro remedio: absolutamente ha de ir.

**Cez.** Esta tarde não se vai, ainda que eu cuide de por fogo a quantos escalers ha?

**Ottav.** Não conheceis o genio de minha irmã: he capaz de ir a pé daqui até Lisboa.

**Cez.** Que delicto commetti? que fiz a esta Senhora? He possivel, que me faça esta injuria, que não queira se quer esta noite ficar? Ao menos esta noite, e pela manhã ir-se-ha:

- ha: tereis paciência: irei também eu até Lisboa só pela acompanhar. Esta noite tenho preparado hum grandíssimo baile, e muito especial: meu intimo amigo, fezei, com que a Senhora fique, e também vos divertis.
- Octav.* Na verdade eu não gosto de bailes.
- Cez.* Se quizerdes jogar, jogareis: mandarei vir cartas, e o tabuleiro das tabulas, e damas.
- Octav.* O jogo das damas não me desagrada; porém não trouxe dinheiro comigo por me não tentar com o jogo.
- Cez.* Quereis dinheiro? sim: quanto quereis?
- Octav.* Agradeço; mas para jogo não sou costumado a pedir dinheiro emprestado.
- Cez.* Pois que vem a ser? tomai o dinheiro, jogai: se ganhades, restituireis, e se perderdes, será por minha conta.
- Octav.* Sois mui generoso: se fizestes essa offerta a sujeitos de menos porte, que eu, havião de aceitar; e depois crede-me, que o hião censurar.
- Cez.* Não sei o que digo: satisfazei-me ao empenho, em que estou de não perder esta noite a vossa amavel companhia: farei todo o possível, para que a Senhora D. Clara socegue da tua pertençaõ.
- Octav.* Em quanto a mim, parece-me impossível.
- Cez.* Hei de sentir, que não participeis da cêa desta noite: o cozinheiro tem empenhado toda a curiosidade da sua arte.
- Octav.* He boa a cêa? esta na verdade mais me obriga que o baile: o comer he toda a minha fraqueza: o jantar me satisfez: o vóllo co-
- zinheiro com os seus exquisitos pratos.....
- Octav.* Pois ainda ha de ser melhor a cêa: temos toda a qualidade de aves, que se puderaõ achar na Ribeira de Lisboa.
- Octav.* Não me falleis nisso; que me cresce a agua na boca: e não havendo meia hora, que acabei de jantar, já estou com huma horrenda fome por comer dessas viandas.
- Cez.* Pois vede, se por bons modos persuadis a Senhora D. Clara, a que fique.
- Octav.* Ella ahi vem a bom tempo.
- Cez.* Gosto; que também eu dá minha parte lho pedirei; mas traz na sua companhia aquelle trambolho de Leandro, a quem não posso soffrer.

## S C E N A III.

D. Clara, Leandro, e os ditos.

*Clar.* Já o escaler está prompto, Senhor Octavio.

*Octav.* Não se pode deixar esta hida para a manhã?

*Clar.* Quero ir esta tarde.

*Cez.* Senhora D. Clara, não sejais tão cruel: estais enfadada? disfarçai esse enfado por esta noite.

*Leand.* A Senhora D. Clara quer já partir.

*Cez.* Não fallo com elle, meu amo.  
A Leandro.

*Octav.* O Senhor Cezar tem preparado para esta noite hum bom divertimento: deveis ficar.

*Cez.* Dezejo corresponder á honra, com que me trataõ.

*Leand.* Muito lhe agradecemos essa attençaõ; porém queremos fazer jornada.

*Cez.* A seu respeito, meu amo, nada

renho feito : pelo que não tem ,  
que me agradecer.

*Clar.* Não quereis ir buscar o escaler?

*Octav.* Não qu'ria fazer esta injuria  
ao Senhor Cezar, que tanto se em-  
penha em nos lizençar.

*Cez.* Senhor Octavio, muito obriga-  
do vos fico.

*Clar.* Bem entendido, Senhor Leandro;  
faça-me o favor de ir procurar o  
meio escaler, que aqui nos con-  
duzio, e ordenar-lhe, que se po-  
nha prompto para nos ir-mos.

*Leand.* Com brevidade fereis servida.

*Cez.* Isto não se pode soffrer: se me  
fizer esta afronta, saiba, Senhor  
Leandro, que mo ha de pagar.

*Leand.* O meu cuidado todo se em-  
penha em obedecer à Senhora D.  
Clara: os seus ameaços não me em-  
baraçam.

*Cez.* Senhora, vós tudo mandais; po-  
rém aquelle mo pagará.

*Leand.* E que pertence de mim?

*Cez.* Pertendo, Senhor avizado, que  
me satisfaga.

*Clar.* Admiro-me, Senhor Cezar, que  
deste modo falle a hum cavalhei-  
ro, que veio em minha companhia,  
e que infallivelmente comigo ha de  
partir: deveis respeitar nelle hum  
sujeito, de quem faço tanta estima-  
ção, e que em tudo vos prefere,  
e excede.

*Cez.* Paciencia, Senhora: já estou ca-  
pacitado da minha infelicidade.

*Leand.* Ouvis? a Senhora D. Clara  
me honra com a sua estimação:  
desta não diffa muito o amor: del-  
le me considero digno: assim me-  
rece quem serve com soffrimento,  
e lealdade: viv-lhe agradecido:  
vou pôr todo o cuidado em lhe  
obedece.

*Vai-se.*

*Clar.* He mui nescio Leandro se deo  
credito àquella minha sincera ex-

pressão: muitas vezes tratamos com  
finezas a quem as não merece, só  
para de outrem nos vingarmos.

*Cez.* (Fôra de mim estou! n'ra ani-  
mo tôno de fallar!)

*Octav.* (Pobre Cezar! grande com-  
paixão me dá.) Perdoar-me, in-  
mã: muito ingrata leis com quem  
vos trata com tantas finezas.

*Clar.* As finezas do Senhor Cezar me  
custariao caras, se as continuasse a  
receber. Que quereis, que diga o  
mundo de mim, se elle a meu res-  
peito faz loucuras? Que baile? que  
côr he esta? seria melhor, que pa-  
gasse a quem deve. Offerce-me  
hum anel, e na minha presença o  
sacrifica a huma criada, só por te  
vingar da minha repulsa. Era me-  
lhor não o ter tirado do dedo da  
inmã, para imprudentemente osten-  
tar comigo a tua vergonhoza pro-  
digalidade. A honestidade, os bons  
costumes, o amor sincero, e con-  
stante he que me agrada: o Senhor  
Cezar he indigno do meu affecto.

*Vai-se.*

*Cez.* Que vos parece, amigo? não se  
pode fallar mais claro.

*Octav.* Digo, que se aquillo he assim,  
minha inmã tem razão, e vós leis  
hum louco indiffereto, e não tabeis  
tratar com gente de bem. *Vai-se.*

#### SCENA IV.

*Cezar, e depois Brites.*

*Cez.* **T** Ambem este se esquece dos  
beneficios recebidos: dou,  
despendo com grandeza, e á paga  
he descomporem-me. Como tabe-  
ria a Senhora D. Clara do n'el?  
Não me capacito, que D. Brites  
cabitse na ignorancia de l'ho dece-  
brir: sei o muito, que de quer,

e por mim tem obrado muitos excessos: não he capaz de me dar o minimo desgosto: mas ella vem: agora desabatarei, e me consolará com alguma desculpa.

*Brit.* Muito boa ma fez, Senhor Cezar!

*Cez.* Já sabeis....

*Brit.* Já sei, que sois indigno do meu amor, e da minha compaixão. A vossa loucura vai em maior excesso: e quem se compadece de vós, se arrepende: assim eu estou arrependida de vos amar, e de vos dar credito. Empregastes muito bem o anel, que vos dei: dallo á criada: que loucura? que infeliz cabeça? Meu marido soube da minha, e vossa imprudencia: justamente me reprehendeo: eu não tive, que lhe responder mais, que protestar-lhe de vos desamparar, e deixar para sempre neste precipicio, no qual teimais em perleverar por hum capricho indiscreto, irremediavel, e odioso.

*Vai-se.*

### SCENA V.

*Cezar, e depois Sanguixuga.*

*Cez.* **A** Té esta me reprehende. Está tão escandalizada, porque dei o anel á Sanguixuga. Tem razão; mas foi levado da colera por me vingar dos repudios de D. Clara. Porém lá vem Sanguixuga: a bom tempo vem: verci, se por bons modos recupero o anel: e se quizer dinheiro, dou-lhe estas dez moedas, que aqui tenho.

*Sang.* Bella dadia, Senhor meu amor! muito obrigada lhe estou.

*Cez.* Minha Sanguixuga, quero pedir-te hum favor.

*Sang.* Sim, peça; que tenho motivos para servir em tudo ao Senhor meu amo tão generoso: bem conheço, que sou criada; mas não para se zombar de mim: da-me hum anel, que não era teu, e poz-me nos termos de ser tida por huma ladra. Não he bem feito? Pois saiba, que não quero nem mais hum instante estar nesta caza; e em quanto viver, me ha de lembrar esta injuria, que me fez. Algum dia cuidarei em me vingar, e lhe mostrarei que ainda que sou huma mulher ordinaria, tenho animo para me despicar de huma acção tão vil.

*Vai-se.*

### SCENA VI.

*Cezar, e depois Julio.*

*Cez.* **Q**ue confusão? não me sei determinar. Até os vis criados me accommettem, e me parece, que as mesmas pedras contra mim se levantão.

*Jul.* Senhor Cezar, eu vos mando citar, ou cuidar em me segurar a minha divida; e sem atender a que somos parentes, vos meto em huma cadeia.

*Cez.* A mim, cunhado?

*Jul.* Sim, a vós, que não vos contentando com o que me tirais, vos aproveitais da bondade de minha mulher para a despojar dos seus adreces: mas que digo? do meu remedio. Este anel, este anel aultou-me cincoenta moedas; e vós, louco, infensato, o destes a huma criada: pois corda, hospital cadeia.

*Vai-se.*

## S C E N A VII.

Coxar, e depois Carrapato.

**Cox.** **C**Orda, hospital, calêa! Estou desesperado, capaz de fazer hum laço, e entorçar-me: mas porque motivo? por ser generoso? oh como he verdade o que muitas vezes se me tem dito: *Isso não he ser generoso, he ser prodigo: não he dar, he esfragar.* Os bens todos estão contumidos: se perco a demanda, se se não faz este ajuste, fico perdido. Já não tenho que vender: vou correndo a Lisboa a assiltir a esta convenção, e cuidar no que mais me convém. Já todos me desprezam, já me não sentem que cardar. (Quem está ahí de caça? Não está nenhum criado?)

Chamando.

Sahe Carrapato.

**Car.** Aqui estou eu.**Cox.** Vai-me chamar o Mordomo.**Car.** O Mordomo sabe V. m., aonde elle está?**Cox.** Não?**Car.** Nem eu tambem.**Cox.** Busca-o; que logo o acharás.**Car.** E quem procura o Mordomo?**Cox.** Eu.**Car.** Pois vá V. m. buscallo.**Cox.** Assim me respondes, pedaço d'afno?**Car.** Que he isso de afno? trate-me com mais respeito; que quem está estalfado com trabalho, não se lhe chama afno.**Cox.** Pois que fizeste, que estás cansado?**Car.** Carreguei-ló, e mudei todo o trigo, e não me chame afno.**Cox.** E para onde o mudaste?**Car.** Tnei-o do celleiro de caça, e

levei-o para o celleiro de meu amo.

**Cox.** De teu amo? quem he teu amo?**Car.** O Mordomo.**Cox.** O Mordomo he teu amo, animal?**Car.** Não sou animal, não, Senhor.**Cox.** E levaste todo o trigo para o celleiro do Mordomo?**Car.** Sim, Senhor.**Cox.** (Que negocio he este? Gonçala muda o trigo do meu para o teu celleiro!) Vai de pressa chamar-me o Mordomo.**Car.** O Mordomo não se desacommoda: quando alguem lhe quer fallar, vai ter com elle, espera muito tempo por elle: se o negocio he de V. m. faça o mesmo. *Vai-se.***Cox.** Pode chegar a mais a minha descompostura? os meus criados me não conhecem por seu amo. Porém tem razão; porque o Mordomo até meu amo parece. Eu tenho a culpa, que deixo tudo no seu arbitrio: e quando lhe peço dinheiro, tem para si, que mo dá pelo amor de Deos. Este negocio do trigo em o meter no celleiro grande suspei-  
ta-me dá: quero cuidar em tudo daqui por diante. Tudo he dizer-lhe: Faze o que quizeres: já me não parece bem: e queira Deos, que elle não tenha furtado para si.

## S C E N A VIII.

Gonçalo, e o dito.

**Gonç.** **H**Um criado me disse, que V. m. por mim procurava: he assim?**Cox.** Sim. Já vendeste o trigo?**Gonç.** Sim, Senhor.**Cox.** Quantos moios eraõ? porque preço? e quanto tens em dinheiro?

E

Gonç.

*Gonç.* Não lhe dei já dez moedas?

*Cex.* Essas te abonarei; e também me querias mostrar o rol: dá-o cá.

*Gonç.* Vamos de vazar: para isso necessito de mais tempo. Far-se-ha o rol, e verá o quanto tem gasto.

*Cex.* Dize-me, que razão tiveste para tirar o trigo do meu para o teu celleiro?

*Gonç.* Quem lhe disse, que eu o tinha no meu celleiro?

*Cex.* Quem o sabe, e o ajudou a carregar: não gostas, que eu o saiba? Foi alguma fubuleza das tuas.

*Gonç.* Muito me admiro do conceito, que de mim forma: sou hum homem honrado: se mudei o trigo foi só por servir ao comprador.

*Cex.* Bellissimo: és com elle interessado: Traze o rol; que me quero ir para Lisboa.

*Gonç.* Que rol quer, que lhe faça?

*Cex.* O da venda do trigo.

*Gonç.* Pois com esse farei também o rol de todo o tempo, que o sirvo, e de todo o meu dinheiro, que lhe tenho dado; donde lhe sou já credor de mais de quinhentos mil réis. Para fazer humas contas de seis annos necessito de muito tempo. Vá para Lisboa, em vindo, verá as minhas contas, e conhecerá a honra, e zelo, com que o tenho servido: e prepare-se para me pagar o que me deve. *Vai-se.*

*Cex.* Oh que varaõ honrado! Agora o vou conhecendo. Não quer dar contas: está acostumado a comer tudo, e ainda diz, que he meu crédor. Que conceito fiz deste homem! tudo lhe entreguei, e estou perdido. Como me roubarão em Lisboa os meus Advogados! Este dar sem consideração, este dispendar sem limite que creditos me têm adquirido? que remuneração? re-

prehensoens, descomposturas. Já me dezamparaõ, e me deixaõ só: já conheço o dezordenado da minha conducta. Dei ouvidos a aduladores, que me louvavaõ só por me comerem os meus bens. Já conheço a verdade: cuidemos em remediar: tudo depende do bom exito desta demanda: se esta for feliz, componho estas dezordens: se inteliz, escolherei huma de duas, ou ir peregrinar por esse mundo, ou deitar-me nesse mar. *Vai-se.*

## S C E N A IX.

D. Brites, e D. Clara.

*Brit.* **C**Rede-me, amiga, que he tão grande o amor, que tenho a meu irmão, que me não deixa socegar.

*Clar.* Agora conheço, que lhe quereis bem, e tendes bom coração; pois o amais em tempo, que elle o não merece.

*Brit.* Não há homem de melhor condição: não tem vicios daquelles, que dezacreditaõ as pessoas: a todos estima: honra as pessoas de merecimento: compadece-se de todos: com quem trata: e esta compaixão tem sido a sua ruina. Ficou só: vio-se cercado de amigos falsos, aduladores, e gulozos. deixou-se governar dos domesticos, principalmente do Mordomo que he hum formozo velhaco. Em fim he hum pobre cego, que sem guia corre pelo caminho da sua perdição.

*Clar.* Não se pôde dizer mais em seu abono: porém o mal está já tão gangrenado, que indubido, tenha remedio.

*Brit.* Pois eu o julgo bem facil: como o mal não nasce de hum animo

*Os successos do Filho Prodigio:*

35

mo perverso, mas fim dos adula-  
dores, que o perseguem, trocando  
esta vil companhia por huma ho-  
nesta, e virtuozza, seguramente ha  
de mudar de costumes.

*Clar.* Ambos seriais felizes, se tive-  
teis considerado assim primeiro;  
mas agora que está pobre, mais  
parecerá desesperaçõ, que arre-  
pendimento, por já não ter bens,  
com que fizesse resplandecer a sua  
prodigalidade, como até agora o fez.

*Brit.* Se se effectuasse o ajuste da sua  
demanda, estava em tempo de mos-  
trar a emenda dos seus costumes.

*Clar.* Creio, que a demanda terá o  
mesmo fim, que tiveraõ os mais  
bens.

*Brit.* Se vence a demanda, cuido lo-  
go em o cazar.

*Clar.* Não o conseguireis com facili-  
dade.

*Brit.* Tendo a sua caza seis mil cru-  
zados, bem pôde esperar huma boa  
conveniencia.

*Clar.* E as dividas?

*Brit.* São tão modicas, que com pou-  
co recupera as peças, que tem em-  
penhadas.

*Clar.* E pertendeis buscar Senhora,  
que tenha dote avultado?

*Brit.* Não, amiga: só cuido em lhe  
buscar huma Senhora de bem; por-  
que estou persuadida, que he o mi-  
lhor dote, que hum homem pôde  
dezejar.

*Clar.* Quando elle estiver em estado  
de a poder sustentar, e emendado  
dos seus odicços costumes, não se-  
rá dilluhozo achalla.

*Brit.* Assim vós delle estivesseis per-  
suadida: eu vos rogára, que felicita-  
stis as minhas intngoens.

*Clar.* Que quereis vós, que eu faça  
a seu respeito? eu não dezejo pou-  
co o vello emendado.

*Brit.* Fazei-me hum favor: pela nos-  
sa amizade volo peço: demorai-vos  
aqui mais hum dia.

*Clar.* Já disse, me retirava: e o es-  
caler estará por mim esperando.

*Brit.* Pouco custa dizer, que já estais  
arrependida.

*Clar.* Vós me quereis expor á maior  
vergonha.

*Brit.* Quem he aquelle? ai! he o  
Doutor, que chega de Lisboa:  
ouçamos, que novidade traz: falle-  
mos-lhe primeiro, que elle falle a  
meu irmão. Senhor Doutor, faça-  
me a mercê.

*Chama.*

SCENA X.

*O Doutor, e as ditas.*

*Dout.* Onde está o Senhor Ce-  
zar?

*Brit.* Já o mando chamar: diga-me,  
como vai a demanda?

*Dout.* Já se concluiu o ajuste com a  
parte.

*Brit.* Graças ao Ceo! Tomará meu  
irmão posse do morgado?

*Dout.* Trago comigo o mandado pa-  
ra o alevantamento do sequestro.

*Brit.* Que me diz? Querida amiga,  
as couzas levaõ bom principio. *A D.*

*Clara.*

*Clar.* Tenho tanto prazer, como se  
eu fosse interessada.

*Brit.* Tenho tambem esperanças de  
que agora vos haveis de interes-  
sar.

*Clar.* Como?

*Brit.* Com as nupcias, de meu irmão.

*Clar.* Tendes pilhas de graça.

*Brit.* Fallaremos mais de vagar. Sen-  
hor Doutor, já que tanto se em-  
penha em favorecer a Cezar, ha-  
de-me de fazer outro favor de não  
menos utilidade para elle.

E ii

*Dout.*

*Dout.* Estou prompto para executar tudo o que for para bom do Senhor Cezar.

*Brit.* Diga-me, Senhor Doutor, he verdade, que elle lhe deo hum anel?

*Dout.* Sim, Senhora.

*Brit.* Meu irmão nunca mente. Senhor Doutor, bem sabe as dezordens, em que elle se acha: para lhas fazer conhecer necessito de o mortificar hum pouco: façamos, que elle duvide do bom exito da demanda, para que conceba com mais força o horrivel aspecto da miseria, e da pobreza: retire-se para aquella antecâmara, e quando eu fizer signal, sahirá a dar-lhe essa boa noticia.

*Dout.* Muito me dezagrada lembrar-lhe esta noticia; mas não posso deixar de o fazer pelo respeito de huma irmã, que tanto o adora. *Vai se.*

SCENA XI.

*D. Brites, D. Clara, e depois Zapete.*

*Clar.* **S**Ois, S nhora, de hum juizo, e animo extraordinario.

*Brit.* Eu não sou nada; porém amor he quem me aconselha: Zapete. *Chama.*

*Sahe Zapete.*

*Zap.* Que quer, S nhora?

*Brit.* Dize a teu amo, que venha cá.

*Zap.* Eu não sei o que elle tem: anda conversando só, batendo o pé na caza; ohi para o Ceo, e até me parece, que chora.

*Brit.* Vai procurallo: dize-lhe, que me importa muito fallar-lhe.

*Zap.* Sim, Senhora: será V.m. servida. *Vai se.*

*Brit.* Vede, em que afflicção está! não merece ser compadecido?

*Clar.* Talvez que se intristeca, vendo, que já não pôde uzar da sua depravada vida.

*Brit.* Porque julgais tão mal daquelle miseravel? Perdoe-me: fois mui crud.

*Clar.* Cede-me, que eu tant o dezojo a sua emenda, como vós: e se receio, he porque... mas melhor he callar.

*Brit.* Dizei, he porque o amais?

*Clar.* Sim, não o posso negar.

*Brit.* Ah querida amiga da minha alma! quanto vos devo! mas cillo ahi vem.

SCENA XII.

*Cezar, e as ditas.*

*Cez.* (**D.** Clara com minha irmã! envergonho-me de apparecer-lhe.)

*Brit.* Chegue, Senhor: não se envergonhe com quem lhe sabe as suas dezordens. Está na ultima consternação, e para se completar temos noticias certas da que se julgou a cauza contra V. m.

*Cez.* Ah! paciencia, querida irmã: tende de mim compaixão: sou hum miseravel: confesso, que por minha culpa....

*Clar.* Já conheceis os vossos erros?

*Cez.* Já a meu pezar, e sinto não estar em estado de poder mostrar ao mundo o como mudava de vida, e parecer aquelle sujeito honrado, que pede o meu nascimento, e o ser de homem de bem.

*Clar.* Boa maxima, a ser do coração.

*Brit.* Dizei-me, se a cauza sahisse a vosso favor, e se recuperasseis os bens sequestrados, que farieis para manifestar aquellas expressões, de que inda agora vos jactastes?

*Cez.*

*Cez.* Confesso, que me não acho agora em estado de me poder regular: porém cazaria, e deixaria a Senhora governar, e administrar os bens até eu me achar com animo de o poder fazer por mim mesmo. Conheço, que o ser homem de bem não consiste em desperdiçar os seus cabedões: conheço, que fiz mal... Mas de que me serve ter este conhecimento, se para mim não há remedio?

*Brit.* E no caso de recuperardes os vossos bens, sois contente, que eu, e meu marido vos administremos a casa?

*Cez.* Se estivera nestes termos, com as mãos erguidas vos rogaria, que por caridade mo fizesseis.

*Brit.* Pois talvez que a cauza sahisse a vosso favor, e que torneis a possuir o vosso morgado.

*Cez.* Quizera o Ceo, que assim fosse!

*Brit.* E neste caso que farieis?

*Cez.* Escritura por dez annos de vos obedecer, como hum filho familias.

*Brit.* Ouvis, Senhora D. Clara?

*Clar.* E em dez annos não era melhor considerar em tomar estado?

*Brit.* Porque não? huma Senhora sabia, e discreta bem pôde ter a incumbencia do governo da casa.

*Cez.* Disso mesmo seria eu contente; porém não mereço tanta felicidade.

*Brit.* Parece-me ver acolá o Senhor Doutor: sim, elle he: chegue para cá, Senhor Doutor. *Chama.*

## S C E N A XIII.

O Doutor, e os ditos.

*Dout.* Senhor Cezar, estou satisfeito.

*Cez.* Temos boas noticias?

*Dout.* Não podia ser melhor: confes-

guio-se o ajuste: este he o mandado do levantamento do sequestro. *Mostra o papel.*

*Cez.* Já posso respirar: hoje resuscitei. E o ajuste como foi? Que temos, que relluir?

*Dout.* Accommodou-se o vosso contendor com trez mil cruzados, que se lhe haõ de dar em trez pagamentos, quatrocentos mil réis cada anno: está á vossa satisfação?

*Cez.* Não podia ser melhor, nem por menos preço.

*Dout.* He percizo, que assigneis esta procuração, que em confiança me passaráõ o mandado de levantamento.

*Cez.* He justissimo: promptamente o faço. Meu Doutor, consenti, que vos abrace. Lembro-me, que vos prometti com moedas, e creio, que mais mereceis; porém quando o fiz, estava cego, não conhecia nem ouro, nem prata, nem o mal, nem o bem: acho-me agora mais illuminado, mas não tanto, que confie em mim. Entrego todos os meus bens a minha irmã, e a meu cunhado: delles recebereis a recompensa do vosso trabalho. Em mim só tereis hum medianoiro, para que vos attendaõ, e vos pague.

*Dout.* Eu me contento com aquella porção, que me quizerem dar. ( sempre me pareceo impossivel, que ganhasse de huma vez cem moedas. )

*Brit.* Eu não entendo de negocios: meu marido tambem não he pratico: estimára, que nem se excedesse, nem se faltasse ao merecimento do Senhor Doutor. Que farieis vós, Senhora, em caso deste? *A D. Clara.*

*Clar.* Sci o que devia fazer, se me tocasse o arbitrio.

*Brit.*

*Brit.* Sois contente, que a Senhora D. Clara o decida? *A Cezar.*

*Cez.* Sim: quem tem arbitrio na minha vida, vede, se o pode ter em huma materia de tão pouca entidade.

*Brit.* Já sois arbitra: sentenciai, como vos parecer.

*Dout.* (Creio, que esta jornada para mim não foi feliz.)

*Clar.* Certo, que despender o Senhor Cezar, como até aqui, he huma liberalidade vicioza, que excede os limites da generozidade: porém quando se trata de sustentar huma palavra, e recompensar beneficios, he preciso abrir as mãos: com que rezolvo, que o Senhor Doutor mereça as cem moedas: e se estivesse em meu poder o dallas, o faria sem o contradizer.

*Cez.* A Senhora he justissima: eu subcrevo, Senhor Doutor: recebereis as cem moedas não da minha mão, mas sim da de meu cunhado; e irmã, os quaes são os curadores da minha caza.

*Dout.* Agradecido vos fico, e à Senhora D. Clara. (Não esperava, que huma mulher sentenciasse com tanta justiça, e generozidade.)

*Brit.* Que dizeis, amiga, da constante resignação de meu irmão?

*Clar.* Certamente tenho grande consolação, e o acredito, vendo-o ceder-vos, e a vosso marido a administração da sua caza.

*Cez.* Senhor Doutor, já que aqui vos achais, rogo-vos, que me lavreis huma escriptura de cessão de todos os meus bens à minha irmã, e cunhado, para me pagarem as minhas dividas, consignando-me huma pequena porção para os meus elementos.

*Dout.* Eu a vou fazer.

*Brit.* Dizei-me; meu querido irmão; este pacto, que me quereis fazer, não o podeis fazer à Senhora D. Clara?

*Cez.* Teria huma grande consolação, se se dignasse aceitallo.

*Clar.* Não he licito a huma viuva moça ser administradora da caza de hum mancebo.

*Brit.* Mas será licito a huma Senhora o governar a caza de seu marido?

*Cez.* Bellissimo: que dizeis aquillo, minha Senhora?

*Clar.* A huma tal surpresa não sei responder.

*Cez.* Quem calla, consente. Senhor Doutor, fazei-me as escripturas de outra forma, em que cedo todos os meus bens à Senhora D. Clara.

*Dout.* Com o titulo de doação?

*Cez.* Com aquelle, que a Senhora quizer.

*Dout.* (Eilo ahí outra vez prodigo: não está ainda convalecido da sua molestia.)

*Brit.* Querida amiga, interpetrai melhor os effeitos do seu amor: aceitai a administração dos seus bens, e terei a gloria de serdes a que o fez mudar de costumes.

*Cez.* Senhora, compadecei-vos de quem necessita de vós para tão honesto fim.

*Clar.* Sim, mas.....

*Brit.* Esse mas não vem a tempo: aceitai; que Cezar em tudo vos hade fazer o gosto.

*Cez.* Em tudo vos heide obedecer.

*Dout.* Aceitai, Senhora, e deixai a meu cuidado o lavar a escriptura determinada.

*Clar.* O que disse, disse?

*Cez.* Pois digo que sim, se quer, que seja dito.

*Dout.* Eicrevo? vou lavar a escriptura?

*Clar.*

*Clar.* Hide...: Escrevei..... (Já não posso rezistir.)

*Cez.* Que dizeis, minha Senhora?

*Clar.* Querido Cezar, digo, que sim.

*Cez.* Deixai, Senhora, que em signal da minha alegria vos beje essa nevada mão

*Dout.* Vou immediatamente lavar a escrptura. *Vai-se.*

*Brit.* Agora sim, que estou satisfeita.

*Cez.* Não caibo em mim de alegria.

*Clar.* Não me perguntais pelo meu dote?

*Cez.* Que dote? Não quero para mim maior dote, que a vossa prudencia, e formuzura.

*Clar.* Não sefais tão facil: dar-vos hei o dote, que me deixou o meu defunto marido.

*Cez.* Ainda que não seja todo, não importa.

## S C E N A XIV.

*Julio, Octavio, e os ditos.*

*Jul.* **H**E verdadeira a noticia, que o Senhor Doutor nos dá?

*Brit.* Sim, e ainda temos outra muito melhor: meu irmão he espozado da Senhora D. Clara.

*Octav.* Minha irmã, muito o estimo.

*Clar.* A sua mudança me obrigou a aceitarlo.

*Jul.* Tambem, Senhor Cunhado, vos dou outra noticia curioza. Soube, que o Mordomo occultamente vendia o trigo, e que juntava o seu fato para fugir: suspeirei, que era alguma ladroeira, e o fiz prender.

*Cez.* Fizeste muito bem: agora me pagará quanto me tem furtado.

## S C E N A IX.

*Leandro, e as ditas.*

*Leand.* **S**enhora, o escaler está prompto, e antes que se perca a maré, o patrao quer partir.

*Clar.* Senhor Leandro, agradecida fico á vossa atençaõ: sinto o incommodo, que vos dei: porém eu já não posso dispor de mim; porque dependo da vontade de meu espozado.

*Leand.* Do espozado! e quem he?

*Cez.* Sou eu para lhe obedecer.

*Leand.* Esta injuria foi concebida somente para me insultarem: não sei donde provêm, nem o pertendo saber: porém vós sois quem mo deve pagar. *Para Cezar.*

*Cez.* Sim, Senhor, quando quizer, satisfarei; porque eu não sei faltar.

*Clar.* Não he precizo, que vos estimuleis..... Já sabeis.....

*Leand.* Já sei o que me quereis dizer: que de mim nunca fizestes cazo: bem o podia ter comprehendido: merecia muito mais: daqui por diante saberei regular-me melhor com mulheres. *Vai-se.*

## S C E N A U L T I M A,

*Zapete, e os ditos.*

*Zap.* **S**enhores, alli está a nobre companhia dos dançarinos, que foraõ convidados para esta festa.

*Cez.* Já não quero baile, não quero festas.

*Brit.* Esta noure em atençaõ ás nupcias, e para que se alliviem dos passados trabalhos, bem se pode dançar. Que dizeis, Senhora D. Clara?

*Clar.* Sou do mesmo parecer, e de melhor vontade me divertirei.

*Cez.*

26

*Comedia nova*  
Cez. Sim, dizei-lhes, que entrem.  
É aqui se dá fim, nobre congresso,  
A esta prodiga acção representada:  
Della aprendei a moderar o excessô,  
Com que a vida fazeis de ordenada:

Não tenhais o que vistes, em pou-  
co apreço;  
Pois a vaidade sempre foi culpada.  
Distarçai n'olhos erros, e defeitos;  
Que a piedade he braço d' honra-  
dos peitos.

# LISBOA

Na Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,  
Impressor da Real Meza Censoria.

ANNO 1783.

Com licença da mesma Real Meza.